

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ESTAÇÃO SARACURUNA: a estação dos jovens

ANTONIO CARLOS DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Mirian Paúra

Rio de Janeiro

2000

ANTONIO CARLOS DA SILVA

ESTAÇÃO SARACURUNA: a estação dos jovens

BANCA EXAMINADORA

Profa.Dra. Mirian Paúra

UERJ

Profa.Dra. Martha Pereira das Neves Hees

UERJ

Profa.Dra. Célia Linhares

UFF

Rio de Janeiro

2000

Dedico este trabalho

à Elita Chaves e a Xisto Antonio da Silva,

meus queridos pais, ainda tão presentes

em minha memória.

Como trabalhadores me conduziram pelas mãos

à escola pública. De lá nunca mais saí.

*“ Em tudo daí graças; porque esta é a vontade de Deus
em Cristo Jesus para convosco”*

Tessalonicenses (5.18)

Inauguro esta parte agradecendo a todos aqueles com quem caminhei até aqui.

Inicialmente, agradecendo a dedicação da Profa. Célia Linhares para com a minha formação. Desde cedo, ainda na graduação, estive empenhada para invenção desta etapa colaborando com a magia de suas palavras para a minha formação de educador. Obrigado por me conduzir até aqui.

À Profa. Mirian Paúra que me acolheu como seu orientando e, sempre apostando em minha autonomia, me possibilitou a compreensão que o caminho se faz caminhando.

À Profa. Martha Hees , corajosa e guerreira, com quem sempre aprendo uma nova lição.

À Jorgete e à Sandra, funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela boa vontade e dedicação no atendimento dispensado.

À Maria Luíza, Angela e Valéria, colegas da turma do Mestrado de 1998 pelo eterno apoio e solidariedade nesta etapa. Vamos de mãos dadas.

À Eleonora Taveira por ter compartilhado comigo os seus relatos e experiências quando da sua produção.

Às professoras Celeste e Maria de Lourdes pela colaboração na etapa de aplicação dos questionários.

Aos jovens de Saracuruna pelos depoimentos concedidos.

À CAPES pelo fornecimento da bolsa de mestrado.

Aos meus irmãos.

Agradeço, especialmente, a Pedrinho, meu filho, que como jovem aprendeu a conviver com a minha ausência enquanto me dedicava a outros jovens e à Adélia que, com sabedoria, aprendeu a conviver com as minhas atividades e com as ausências.

“Tudo palpita em redor de nós, e é como um dever de amor aplicarmos o ouvido, a vista, o coração a essa infinidade de formas naturais ou artificiais que encerram seu segredo, suas memórias, suas silenciosas experiências. A rosa que se despede de si mesma, o espelho onde pousa o nosso rosto, a fronha por onde se desenham os sonhos de quem dorme, tudo, tudo é um mundo com passado, presente, futuro, pelo qual transitamos atentos ou distraídos”.

Cecília Meirelles

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: A questão e a Caminhada

1. Como cheguei a questão (ou de como ela chegou a mim) e os caminhos para respondê-la

1.1. De quem se falou ou desejou-se falar

1.2. O que se falou e por quê se falou

1.3. Como se falou

1.4. Como caminhei. As pistas que segui diante das trilhas

1.5. Dos caminhos possíveis aos caminhos seguidos

1.6. O itinerário e suas escalas

SEGUNDA PARTE:

2. Universo Juvenil.....

3. Imagens juvenis.....

4. Olhando uma outra juventude.....

5. Trilhos de Saracuruna.....

6. A política da auto-estima: a política para a juventude no governo Zito (1997-2000).....

TERCEIRA PARTE: Um diálogo

1. A juventude por eles: os autores.....

2. A juventude pelas outras idades: pais e educadores.....

3.A escola dos jovens.....

QUARTA PARTE: A juventude por ela mesma

1.O pensar e o agir dos jovens de Saracuruna.....

2.Valores dos jovens ou jovens valores?.....

3.Os jovens e o tempo.....

4.Juventude e polícia: ocorrências no 2º Distrito

QUINTA PARTE: Crônicas da Estação Saracuruna

CONCLUSÃO:

BIBLIOGRAFIA.....

RESUMO

ABSTRACT

PRIMEIRA PARTE

Tenho de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tenho medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

Clarice Lispector

“ Se podes olhar, vê.

Se podes ver, repara”.

Saramago

Como cheguei à questão (ou como ela chegou a mim) e os caminhos para
respondê-la

Ao ingressar no curso de Mestrado em Educação perseguia como proposta desenvolver um estudo que me permitisse elucidar algumas questões que fui aprendendo a olhar em meu cotidiano de professor especialista em escola pública de Ensino Fundamental.

Porém, julgo necessário esclarecer ao leitor como fui aprendendo a exigência de não apenas olhar, mas de reparar de modo mais aproximado daquilo que foi se construindo como temática de investigação.

Após a conclusão de minha graduação, no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, ingressei por concurso público na escola para exercer a função de orientador educacional no município de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro, mais identificada como Baixada Fluminense.

Como concentrava as minhas atividades de trabalho e estudo e residia em Niterói desconhecia integralmente a região da Baixada Fluminense, assim como o seu acesso, a sua gente e a sua história. O meu desconhecimento da localidade era presente como o desconhecimento do que era a escola pública para o professor, uma vez que a freqüentara como estudante dos ensinos fundamental e médio. Agora era como professor que retornava trazendo comigo uma parte daquelas promessas que a escola anunciava desde que era aluno.

Desconhecia também os usuários da escola, uma legião de jovens das classes populares da Baixada Fluminense, oriundos de bairros, de vilarejos e guetos que fazem da localidade um território de muitas culturas e experiências juvenis que se tornaram merecedoras de estudo ou melhor dizendo de reparar.

Os jovens eram/são portadores de histórias, experiências e necessidades que sempre apontavam para que eu verificasse a fragilidade de minha formação, embora nunca estejamos preparados, do quanto precisava de outras lentes para melhor compreender as minhas possibilidades de ajuda e os meus limites de intervenção.

Por outro lado, embora estivesse na escola com os meus colegas professores sentia necessidade de ampliar o meu espaço de discussão. Tornou-se presente o desejo de buscar novos interlocutores para as minhas questões. Nesta etapa, conclui o curso de especialização onde discuti a contribuição dos especialistas na escola e comecei a participar do projeto de pesquisa *Memória e Narração na Formação de Professores* coordenado pela Profa.Dra. Célia Linhares (ESE/UFF) que objetivava investigar as memórias de jovens e velhos educadores.

O meu movimento na pesquisa , como atividade de aperfeiçoamento CNPq, desdobrou-se em recolher depoimentos de professores e seus alunos. Na verdade, esta inserção na escola, a partir da pesquisa e juntamente com as minhas atividades de orientador educacional, foi me aproximando dos jovens, daqueles alunos e das suas histórias. Reparando os jovens fui aprendendo a desenvolver um olhar mais atento que resultava na elaboração de questões que a todo instante se instalavam embora as perguntas, inicialmente, eu nem sabia fazer.

As perguntas que eu não sabia fazer, ao passar dos dias, foram se compondo em direção aos jovens, à escola e à sua localidade.

Deste modo, a proposta de estudo foi traduzindo uma trajetória iniciada a partir do movimento de olhar e reparar os jovens usuários da escola pública da Baixada Fluminense, precisamente em Saracuruna distrito de Duque de Caxias (RJ), apontando

para entre uma e outra questão reparar *como é a vivência da juventude em uma sociedade de classes? Como são as experiências juvenis da classe popular em Saracuruna? Onde e como os jovens da classe popular se inserem no contexto da juventude? Como definir e caracterizar a juventude de Saracuruna? Como os jovens definem os seus valores? Quais são os seus valores?*

De quem se falou ou desejou-se falar

No campo da investigação sobre os jovens a primeira questão que se coloca reside na definição do que seja a juventude ou de que juventude se fala. As dificuldades não são desprezíveis e já indicam um problema sociológico passível de investigação em função dos conteúdos históricos e culturais como sugere Spósito (1996) ao analisar os estudos sobre jovens em educação.

Muitos estudos para conhecer o pensamento dos jovens ou para identificar quem é o jovem atualmente são publicados com frequência pelos meios de comunicação e pela literatura.

No entanto, quase sempre, circulam com idéias generalizadas que retiram qualquer possibilidade de alcançar uma compreensão de quem realmente é a juventude ou de que juventude se fala. Por vezes estes movimentos contribuem para encurralar a juventude em pesquisas mercadológicas que estão mais ocupadas na divulgação do que os jovens consomem e como consomem sem emprestar um compromisso mais reflexivo à

temática. Logo, pouco ou muito pouco colaboram para elucidar com mais clareza os fenômenos da cultura juvenil.

O trabalho apresentado ao leitor ocupou-se de estudar quem são os jovens que freqüentam a escola pública na Baixada Fluminense. O que pensam e o que fazem, os seus valores, a sua rotina e as suas redes. Investe em saber como é a invenção e a condição da juventude nesta região. Estas representam um pouco das questões trazidas para o debate nesta etapa.

Logo, desejo esclarecer que toda referência à juventude ou aos jovens empregada neste trabalho estará, intimamente, apontando para os alunos inseridos no sistema público de ensino.

Desejando dar um tratamento mais aprofundado às questões dos jovens moradores da localidade da Baixada Fluminense que tem vivenciado, de modo mais próximo, as desigualdades de uma *sociedade onde a maioria não cabe*¹, que convivem rotineiramente com as marcas das interdições materiais e culturais objetivei um olhar mais atento a este grupo da classe popular no município de Duque de Caxias (RJ), realizando um exercício de reparar e escutar o que fazem, o que dizem e silenciam.

Neste ensaio falo ao leitor, e é apenas o que desejo falar, dos jovens das camadas populares que desde cedo precisam ingressar na força de trabalho, participam do orçamento doméstico, tentam conciliar as tarefas do lar e do trabalho com as da escola em um tempo onde vão consolidando valores da ordem social e tecendo suas redes de amizades, de algazaras e de incursão nos espaços para a prática recreativa.

Portanto, para perseguir este propósito elegi estabelecer uma interlocução com os jovens de Saracuruna, distrito de Duque de Caxias, usuários do sistema público de

ensino, desses jovens que sofrem o preconceito de residir em uma localidade que é denominada de lugar difícil, mas como diz Forrester (1997) não é o lugar que é difícil, eles são habitantes de uma região onde um grande número de pessoas com vidas difíceis tentam sobreviver.

O trabalho é composto com depoimentos de jovens que estão cursando as últimas séries do ensino fundamental porque entendo que estes escaparam do fracasso escolar e representam os primeiros, por vezes, em suas famílias a realizarem a conclusão de um projeto de escolarização.

O que se falou e por quê se falou

A predominância da ótica de que desapareceu da juventude a idéia de reinventar o mundo e que teria entregue-se ao cultos de outros valores empurrou-me para abertura de um nova frente de estudo e de reflexão que aponta para investigar o movimento de uma outra juventude.

Elegi como tarefa um exercício de olhar e reparar os jovens em suas ações reunindo informações sobre este grupo etário da Baixada Fluminense que tem sido um desconhecido perante a sociedade que diante dele tem exercido preconceitos e discriminações e diz que sente-se ameaçada.

Quem é esse jovem? Precisava retirar as suas máscaras e conferir-lhe uma identidade. Por isso tornou-se necessário estabelecer uma interlocução com ele e com os

¹ Afirmativa do sociólogo Herbert José de Souza .Construir a Utopia.Vozes.Petrópolis.1987

seus valores, com o seu pensar e agir. Apostei em investir em retirá-lo deste encurralamento que foi colocado trazendo-o para o debate.

As histórias dos jovens, suas experiências e dilemas serão muito diferentes daquelas de seus pais e familiares? Os valores praticados, os dilemas, as dores, e alegrias dos jovens são tão distintas daquelas da sua comunidade e dos trabalhadores?

Acompanhar os movimentos dos jovens da localidade de Saracuruna é como uma atitude de inaugurar e imprimir em preto e branco as suas experiências e histórias.

Como nos diz Benjamin *a tarefa do historiador materialista será saber ler e escrever uma outra história* (Gagnebin,1993).

As histórias dos jovens traduzem um pouco da história da comunidade que foi se expandindo com a inauguração da estação de trem que resultou na ocupação, também, da região pelos operários da ferrovia que beirando a linha do trem tiveram suas casas construídas e formaram as suas famílias.

Na localidade de Saracuruna a linha do trem é muito presente como referencial. É muito freqüente as interrogações como *é do lado de lá ou de cá da linha do trem? De onde vem esses alunos? Os jovens são do lado de lá ou do lado de cá?*

A linha de trem atravessa a localidade e faz divisas entre esta comunidade, entre os jovens desse lugar. Assim, como as contradições da sociedade entre classes, gêneros, etnias, entre o urbano e a periferia é possível encontrar em Saracuruna a linha do trem que se tornou como uma fronteira que divide os dois lados: *o lado de cá e o lado de lá.*

Quem são os jovens dos dois lados? Existem diferenças neste grupo? Como são os valores dos dois lados? O que vale para os jovens destes dois lados? Como são as experiências dessa juventude?

Assim, beirando a linha do trem os jovens são portadores de histórias, valores e experiências que precisavam ser ouvidas, olhadas e reparadas.

O trabalho apresentado pretendeu abrir uma nova frente para as memórias e narrativas destes jovens que beiram a linha de trem. Trazer ao debate a memória de um reduto que foi empurrado para o esquecimento. Oportunizar a narrativa de experiências de vidas que estão na beiradinha da sociedade com suas histórias de miséria, de opressão, de ausência de oportunidades, de dores e de alegrias.

Com este movimento emerge a contribuição para soldar os pedacinhos dessas histórias construídas beirando a Estação Saracuruna, pois *“cada acontecimento do passado espera pacientemente ser conhecido”*²

Portanto, ao olhar e reparar os jovens da região de Saracuruna o trabalho se insere no tratamento à memória e à narrativa dos jovens investindo em contar uma outra história de uma outra juventude e, foi justamente, no murmurar do cotidiano (Certeau,1994) que reparei e busquei pistas para identificar quem é essa juventude usuária da escola pública desta localidade.

A proposta é de um convite aberto ao leitor e pretende conduzi-lo até a Estação Saracuruna por um itinerário que vai fazendo escalas e direcionando sua atenção para as particularidades dos fenômenos do cotidiano dos jovens.

Como se falou

Nesta etapa, em que se insinua falar do método, da abordagem que emprestei para elaboração deste trabalho, acredito ser necessário tecer algumas considerações iniciais.

Conservo a clareza que esta proposta objetiva como desejo mais íntimo contemplar as experiências, os valores, o pensar e o agir dos jovens usuários da escola pública na localidade de Saracuruna.

Deste modo, acreditava que a elaboração deste trabalho precisava assumir configuração de emancipação e de autonomia do meu fazer e pensar, a partir do movimento de olhar e reparar, o que não me deixa fazer prisioneiro de técnicas e métodos pois como afirma Freire (1983):

“ não devo julgar-me como um profissional, “habitante” de um mundo estranho. Mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais (...). Habitante de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os “perdidos” que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno” .

² Benjamin sugere o estudo da memória pois para ele o presente foi configurado com a negação de outras opções. Portanto, para Benjamin revisitar o passado é importante para localizar promessas que ainda não

Creio que, às vezes, é preciso abandonar o método para encontrá-lo mais adiante e mais potencializados para que dê conta de olhar o compreender os fenômenos. Às vezes o mais importante não é a técnica de lançar a rede ao mar. Mas o desejo, saber onde se deseja lançar e por quê lançá-la.

Como nos diz Costa (1996):

“ não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz a diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder”.

No entanto, sabendo da necessidade que há em atender a exigência da produção científica e as minhas próprias exigências procurei conjugar os passos inerentes à pesquisa qualitativa em educação aos passos que fizeram com que eu fosse por onde os caminhos da pesquisa me levaram. Assim, fui sentindo mais o sabor e a autoria da minha caminhada.

foram realizadas. Gagnebin, Jeane Marie. Walter Benjamin. Os cacos da história. Ed. brasiliense. 1993.

Como caminhei? Quais as pistas que segui diante das muitas trilhas?

O movimento decorrente da revisão da literatura foi aproximando mais o meu olhar dos jovens que encontravam-se inseridos na escola do município de Duque de Caxias onde atuo desde 1993.

Estar com a juventude na escola em Saracuruna foi despertando em mim uma curiosidade por suas histórias, seus familiares, a sua relação com a escola, com os seus professores e com o seu lugar. Fui me surpreendendo com minhas perguntas sobre os jovens, suas vidas, sobre a região da Baixada e, mais especificamente, com relação ao bairro de Saracuruna e a cidade de Duque de Caxias.

Inicialmente, compreendia Duque de Caxias como mais uma das outras cidades que integram a região da baixada Fluminense, localidade identificada como dormitório da classe trabalhadora e reduto da violência, da impunidade, da miséria e exclusão social, ou seja: local de reduzida presença do estado e de suas iniciativas.

Mas o que era verdade e o que era mito nesta localidade? Como realmente adjetivar a Baixada? Quais as outras imagens que eu podia reunir desta região? Quais as histórias dos jovens?

Por muito tempo fui convivendo com o que os outros pensavam, mesmo sem estar lá ou conhecê-la, sobre a cidade de Duque de Caxias, sobre a sua gente e os seus

jovens. Assim, como tive que aprender a conviver com a piedade alheia por trabalhar nesta localidade. Tudo isso foi me levando a uma atitude que passava da desculpa à necessidade de argumentar sobre o lugar e a sua gente. O que por vezes, apontava a necessidade de observar mais atentamente e de buscar uma compreensão sobre os fenômenos.

Acredito que, nesta etapa, o pesquisador já se instalava em mim como o disfarce de observador mesmo que ainda não soubesse.

Triviños (1994) observa que, sobre este fato, uma das situações mais difíceis que se apresentam ao pesquisador que quer estudar a realidade social que está processando, que está ocorrendo, é a de definir com clareza a sua função.

Na verdade, o sentimento de incerteza, de dúvida já se colocara há muito tempo pois a solicitação da escola e do jovem era o orientador e, por vezes, havia uma solicitação muito íntima que apontava para a minha necessidade de analisar, de investigar e compreender.

Toda esta situação foi definindo uma opção metodológica que apontou para a realização de uma pesquisa qualitativa, já que o pesquisador orientado por este enfoque tem uma maior liberdade para realizar o seu estudo. Deste modo, o orientador e o observador foram dando lugar ou assumindo-se como sujeito mais reflexivo e investigativo sem ocultar de todo a vocação do educador e o atendimento das solicitações da comunidade escolar.

O interesse pelos aspectos qualitativos na produção de pesquisas em educação surge na América Latina na década de 70 e vem tornando-se cada vez mais crescente³

³ Triviños, Augusto. A pesquisa Qualitativa em Educação in Introdução à Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Atlas.SP.1994

A pesquisa qualitativa em educação surge como uma alternativa ao positivismo quantitativo e aposta para a necessidade do pesquisador dar um tratameto mais subjetivo, criador e criativo à sua investigação.

Inicialmente, o aparecimento da pesquisa qualitativa se deu na área da Antropologia onde os pesquisadores foram percebendo que muitas informações sobre um grupo e sua vida não podiam ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de modo mais amplo onde a rigorosidade científica deverá ser emprestada mais na compreensão do que no agrupamento dos fenômenos/dados.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela ocupa-se com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Assim, os autores que seguem esta corrente não se preocupam em quantificar, mas em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais trabalhando com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana (Minayo,1996).

Triviños (op.cit.) aponta que a tradição antropológica da pesquisa qualitativa faz com que esta seja conhecida com investigação etnográfica podendo-se dizer que, às vezes, se usam indistintamente ambas expressões para referir-se a uma mesma atividade. No entanto, ocorra indicações onde a pesquisa etnográfica seja compreendida como uma forma específica de investigação.

Por etnografia é possível localizar as definições abaixo:

1.Ramo da Antropologia que trata historicamente da origem e filiação de raças e culturas. Antropologia descritiva. 2.Ramo da Etnologia que trata da descrição de

culturas, sem ocupar-se de comparação ou análise. 3. Disciplina que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, na sua língua, raça, religião, etc., e manifestações materiais de sua atividade. 4. Parte ou disciplina integrante da etnologia. 5. Descrição da cultura material dum determinado povo (Aurélio, 1996 e Michaelis, 2000).

A etnografia parte da premissa que há um mundo cultural que precisa ser conhecido e anunciado baseando suas conclusões nas descrições da realidade para retirar delas os significados que as pessoas emprestam às vivências. Deste modo, os atores e o investigador compartilham o mesmo mundo cultural. Assim, o pesquisador não se distancia daquilo que investe em reunir significados e compreendê-los.

Sobre a atuação do pesquisador Triviños esclarece que:

“ A participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida própria da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. Mas sua ação é disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais. De todas as maneiras, sua atividade sem dúvida alguma, esta marcada por seus traços culturais e peculiares, e sua interpretação e busca de significados

da realidade que investiga não podem fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo. O valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em seus significados. Os atos, as atividades, cerimônias, et., que realizam os sujeitos que formam parte do âmbito cultural que pretende mostrar estão relacionados em quadros gerais de significados, válidos para todas as pessoas. A função do etnógrafo, assim, “não é tanto estudar a pessoa, e sim aprender das pessoas” (1994,pág. 121).

Assim passei, considerando o estatuto da pesquisa qualitativa, da minha inserção tão próxima dos jovens e do seu contexto e do exercício de olhar e reparar, a caminhar pelo terreno da pesquisa participante.

Na verdade, eu já havia suspeitado o observador em mim quando comecei a ficar mobilizado pelas experiências e comportamentos dos jovens surpreendendo-me, por vezes, fazendo anotações, ouvindo os depoimentos e compartilhando com os colegas professores o processo de construção/desconstrução dos significados que os alunos elaboravam para as suas atitudes.

O caminho trilhado para realização deste trabalho que ora apresento ao leitor resulta de atividades como observação, aplicação de questionário aberto e reunião de depoimentos.

No que se refere à observação, é importante lembrar que, se a intenção era a de olhar, reparar e apreender o contexto, não elegi esquemas predeterminados que me dirigissem observar para situações definidas e enquadradas em hipóteses tomadas aprioristicamente. Pelo contrário: os meus pés foram pisando um terreno sem fronteiras onde o necessário era despertar os sentidos para que vendo pudesse olhar, reparar e ouvir.

Buscando exercer fidelidade e não ser traído pela memória iniciei um processo de anotações das observações, das falas e organizei uma caixa-arquivo depositária de fotos, recortes de jornais e revistas e de tudo mais que pudesse contribuir na caminhada.

Esclareço que a observação não seguiu nenhum padrão rígido, nenhum roteiro, tendo desejado captar a presença dos jovens e o seu contexto.

A prática da observação e a coleta dos depoimentos se deram desde 1999 e a aplicação dos questionários foi realizada no primeiro semestre de 2000.

A elaboração inicial do questionário foi revisitada e sofreu algumas alterações com a introdução de novas questões. Caracterizado por um instrumento de respostas abertas o questionário colaborou para que os jovens definissem suas concepções de juventude, valor, alegria, família, amizade, escola, política e lazer. Deste modo, colaborando para que os jovens melhor pudessem expressar as suas opiniões e para que eu as conhecesse.

Com o propósito de ampliar as minhas reflexões e ações emprestadas nesta pesquisa, apliquei o questionário em três escolas estendendo, deste modo, as atividades com o objetivo de melhor caracterizar o pensar e o agir dos jovens da região.

Dos 66 questionários elaborados 36 foram aplicados junto aos alunos concluintes do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jayme Fichman onde estou lotado desde 1993 compartilhando da cotidianidade da unidade e de seus atores. O restante foi assim aplicado: 10 na Escola estadual Pedro Jacinto Teixeira, a escola do outro lado da linha, 10 na Escola Municipal Brasília, localidade de Xerém, 4º distrito de Duque de Caxias. Os outros foram destinados a unidades do 1º e 3º distritos da região.

Dos caminhos possíveis ao caminho seguido

No desenvolvimento da pesquisa eu poderia ter elaborado um questionário de respostas fechadas conduzindo a sua aplicação em escolas dos quatro distritos para uma amostragem quantitativa. Deste modo, talvez, pudesse emprestar ao leitor uma compreensão mais elucidativa.

Assim, como poderia ter estendido a todos os jovens inseridos nas escolas, independente de série cursada e de faixa etária, circunscrevendo a atividade da pesquisa apenas ao contexto escolar.

No entanto, fui emprestando à pesquisa um caminho muito próprio e que se estendeu para além do território escolar.

Costa (1996) observa que:

“sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho. Quando olhamos paraaaa trás é que nos damos conta disso”.

O movimento que imprimo neste trabalho resulta desta invenção e da compreensão que pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade culminando na elaboração própria e fundando um processo educativo e emancipatório (Demo,1996).

Compreendo que, às vezes, é preciso sair dos muros da escola e olhar ao seu redor para melhor conhecê-la.

A atividade da pesquisa contribuiu de modo formativo à medida que foi despertando em mim um apelo para que, como observador, fosse ampliando o meu olhar.

Embora as pesquisas em educação tenham eleito e priorizado o campo da escola e suas relações para estudo e investigação compreendo que, às vezes, é preciso sair da escola para nela ingressar.

Autores como Abramo (op.cit.) e Carrano (2000) registram que, respectivamente ,a maior parte dos estudos dedicados ao jovens tem voltado a atenção para elementos relativos ao trabalho e escola ou à violência.

Deste modo, dificultam outras dimensões que compõem a situação urbana da juventude como a relação com o consumo, com os bens culturais, com o lazer e diversão (Abramo, op.cit.).

Acredito que olhar a escola ao seu redor, reparar os seus usuários e a história da comunidade, o seu pensar e o seu agir possibilitam uma apreensão do seu contexto podendo colaborar de modo mais efetivo para as suas ações.

Sendo assim, fui trilhando, inicialmente, pela escola. Porém, recorri a outros espaços da localidade desejando diversificar a coleta de informações para composição desta tarefa.

Os jovens convidados para responderem os questionários foram aqueles que freqüentam as últimas séries do ensino fundamental e por estarem mais próximos de perceberem as promessas realizadas ou negadas para o seu grupo social. Por outro lado, entendo que estes já escaparam o fracasso escolar e, em sua maioria, representam os primeiros concluintes de um projeto de escolarização em seu grupo familiar como já afirmei anteriormente.

Com relação à faixa etária segui as orientações de Madeira indicadas no estudo de Spósito (1996). Nelas a juventude é considerada pela faixa de 15 a 19 anos e o jovem de 20 a 24 anos. Deste modo, emprego os termos jovem/jovens/juventude para definir o segmento este segmento etário. Contemplando, assim também, aqueles jovens que não tiveram acesso à educação regular e que, atualmente, nos bancos escolares retomam a continuidade de um projeto de escolarização e compartilham dentro e fora da escola de sua cotidianidade.

O itinerário e suas escalas

Para dar conta da compreensão da juventude e suas relações, do pensar e agir, e dos valores cultuados na Estação Saracuruna lancei mão dos instrumentos que a pesquisa participante disponibiliza e fiz algumas escalas no itinerário da atividade.

Na composição apresentada a primeira parte ocupa-se de situar o leitor revelando a aproximação e a construção empresta na discussão da temática.

A segunda parte pretende fornecer um panorama da condição juvenil inserindo o leitor no contexto dos jovens da localidade de Saracuruna.

Inauguro a terceira parte fundamentando-a com o pensamento dos autores sobre a concepção de juventude e a posição de pais e educadores.

A juventude por ela mesma, quarta parte deste trabalho, compõe a apresentação dos dados coletados junto aos jovens.

Nas Crônicas da estação Saracuruna, Quinta parte, vou descrevendo observações, comportamentos e fatos envolvendo os jovens da localidade.

O itinerário deste trabalho resultou também em recorrer a alguns órgãos para levantamento de informações e coleta de material.

Para compor informações sobre o município de Duque de Caxias consultei as Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura e da Câmara Municipal de Duque de Caxias e a Secretaria Municipal de Planejamento e Obras.

As informações sobre a estação foram fornecidas pela Coordenadoria de Bens Históricos da RFSA e para aquisição das fotos da juventude, integrantes da composição, recorri à Seção de Documentos Iconográficos do Arquivo Nacional e ao Arquivo Fotográfico do Jornal do Brasil.

Assim, fui inventando o caminho para atender a exigência de elucidar um pouco a cultura juvenil. Questões que a vivência com os jovens na Estação Saracuruna construíram.

SEGUNDA PARTE

Universo Juvenil

*“ Na luta, tanto na vitória
como na derrota, escolhendo entre
o sagrado e o profano, ela deseja
se encontrar”.*

W. Benjamin

Quando o assunto diz respeito à juventude qualquer pessoa mais atenta, independente de ser pai, mãe ou educador, já revela uma preocupação que aponta para as dificuldades presentes no campo da juventude e para a incerteza dos tempos atuais.

A juventude identificada como sendo o futuro de uma nação e como promessa promissora por muito tempo foi, por parte da sociedade, depositária de expectativas de conseguir superar as dificuldades sócio-político-econômicas instaladas, de responder aos apelos e de apontar novos rumos diante da conjuntura do país.

Na própria literatura é, Lima (1968), Ventura (1988) e Freire (1992), possível encontrar uma exaltação à juventude.

Lima (1968) identifica um *“poder jovem”* e diz que a juventude estava na dianteira da sociedade. Ao remeter-se a este poder o autor faz uma referência ao movimento dos estudantes que na década de 60 ocupavam-se de questionar o poder instituído e de buscar alternativas para uma nova configuração de sociedade, de política, de economia, de educação e valores. Reconhece que os jovens sabem se organizar e não aceitam o formalismo escolar. Para o autor os educadores deveriam construir *“uma nova escola sob pena de verem os jovens abrir escolas para reeducá-los...”*(1968, pág.313).

Para Lima a sociedade deveria utilizar o poder da juventude para a sua construção social:

“Num país de marginais como o nosso, a juventude pode ser o “relais” que estabeleça uma corrente de enculturação entre as elites e o povo. A parcela da juventude que o sistema permite freqüentar escolas (cerca de 11 a 12 milhões) poderia tomar para si a tarefa de recuperar as populações marginais, mesmo porque do ponto de vista cultural esta juventude é mais madura que o povo brasileiro. Pode-se, pois, dar um papel à juventude dentro dos quadros sociais(...)” (1968,pág.313-314).

Ventura (1988) registra a importância da participação juvenil e o seu caráter contestatório nas reivindicações dos movimentos instalados na sociedade nos *anos rebeldes* denunciando o consumo como invenção da desmobilização dos jovens e Freire (1992) observa que nas manifestações da juventude há sempre uma algazarra que é criadora.

Na verdade, nas décadas de 60 e 70 são realizados movimentos que apontam uma participação mais ativa dos jovens no Brasil e no mundo de uma maneira geral. Nestas etapas configurou-se uma intensa politização do segmento jovem da sociedade que estava voltado para o debate e à preocupação com os problemas sociais, para as discussões sobre o confronto entre a direita e a esquerda, além dos modos de organização e produção social.

Com relação aos movimentos sociais, a juventude estava engajada na suspensão do governo militar e no plano individual lutava pela liberdade social, pelo poder de decidir sobre o próprio destino, pela realização de valores mais autênticos rompendo, por vezes, com a imposição da família e desejando escapar do poder econômico e moral dos seus pais.

Naquele período, a juventude estava associada aos movimentos e às ações que os estudantes exerciam como atitude de resistência e de criação. Logo, havia uma associação muito próxima entre os jovens e a idéia de transformação.

A intensificação da participação dos estudantes e o caráter contestatório de suas reivindicações nos movimentos da sociedade naquele momento contribuíram para a construção de uma noção de juventude com um conteúdo de rebeldia, de contestação e de utopia (Abramo,1994).

Com o propósito de investigar quais as imagens juvenis registradas pela história nos últimos anos, discussão que darei tratamento mais adiante, recorri ao Arquivo Nacional e ao Jornal do Brasil⁴ consultando fotos sobre a juventude onde foi possível constatar por meio das fotos situações bem distintas com relação ao comportamento dos jovens nas

⁴ Seção de Documentos Iconográficos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e Arquivo fotográfico do Jornal do Brasil.

últimas décadas. Antecipo ao leitor que as próprias fotos dos *anos rebeldes* revelam e contribuem para a construção de uma imagem mais positiva da juventude do que as produzidas atualmente.

O movimento dos estudantes configurou-se como ator político com empenho na transformação social emprestando ao universo juvenil traços de vanguarda.

No entanto, atualmente, muitos apontam que a idéia de reinvenção do mundo desapareceu da mente dos jovens.

Após os anos 70, há uma redução de acontecimentos envolvendo os jovens marcando o cenário nacional pela inibida participação juvenil nos movimentos sociais. Assim, assiste-se uma certa despolitização fazendo circular que este grupo abandonou os ideais de participação e de transformação. Mas como ocorreu esta despolitização da juventude? Será que realmente os jovens abandonaram os movimentos sociais? Será que tornaram-se prisioneiros?

Na atualidade, verifica-se denúncias que indicam o distanciamento da juventude no que diz respeito ao projeto social e à participação mais ativa no campo das discussões das políticas sociais e públicas.

A própria mídia ocupa-se de fornecer notícias de que os jovens não sentem-se mais atraídos pela atividade político-social e, com frequência, é possível reunir depoimentos de moças e rapazes dizendo que agora estão dedicados a invenção da sobrevivência pessoal.

Um novo cenário para os novos tempos

O acompanhamento do comportamento dos jovens dos anos 60 aos 90 revela algumas mudanças significativas.

Para Abramo (id) os anos 70 e 80 introduziram transformações significativas no quadro da juventude brasileira que ainda carece de novas pesquisas para traduzí-lo.

A autora aponta que, mesmo admitindo que as mudanças no quadro juvenil não tenham sido suficientemente estudadas, é possível ressaltar uma mudança da categoria juvenil urbana do país. Ela compreende que nos anos 50 e 60 as mudanças referem-se aos jovens de classe média e que, na atualidade, abrange os jovens das camadas populares.

A composição de um novo cenário a partir da redução expressiva dos movimentos estudantis, da circulação de uma variedade de figuras juvenis, como os funks, darks, clubber, skatistas entre outros, e do consumo de determinados bens culturais oferecidos vão retirando a juventude do debate nacional e empurrando-a para a invenção de outros sentidos.

Por outro lado, como aponta Abramo, os fenômenos como a industrialização do país, a emigração das zonas rurais para as cidades, a concentração da classe trabalhadora nos centros urbanos, o ingresso dos jovens no mercado de trabalho ou na economia informal e a oferta de produtos e serviços, a industrialização do lazer, a socialização dos meios de comunicação como o rádio e a televisão, o agrupamento de vários grupos ao mesmo tempo em que um número expressivo de jovens se tornou-se alvo direto para endereçar toda a expansão da produção despertando, deste modo, na juventude um apelo muito maior para o consumo.

“ A maior parte dos acontecimentos que põem em evidência a juventude dos anos 80 parece estar ligada à formação de tribos (bandos, estilos, subculturas, culturas) ligados a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento (...)” (1994,pág.43).

Os anos 80, considerado por muitos como *a década perdida*⁵, suspende definitivamente aquela imagem de juventude revolucionária. O decantado *poder jovem* que havia colocado a juventude na dianteira cedeu lugar ao culto de outros valores.

Assim, assiste-se um prolongamento da juventude, a privatização do espaço familiar pelos jovens, a cultura do corpo e aproximação dos bens naturais entre outros.

A disposição para absorver novas informações, novos hábitos e costumes e a vocação para aproximação com as invenções tecnológicas disponibilizam os jovens para um novo paradigma juvenil.

Segundo Abramo (ib) a formação de um significativo número de consumidores entre os jovens de setores populares, mesmo com baixo poder aquisitivo, é percebida pelo mercado que passa a oferecer produtos e serviços para este público, principalmente vestuário e diversão; onde o estabelecimento do sistema financeiro de crédito foi determinante para inserção da classe popular como consumidora.

Nesta época, além da produção e da oferta elevada de artigos da indústria cultural dirigida, sobretudo, ao público jovem, verifica-se o desenvolvimento de espaços voltados para a diversão juvenil como salões de dança nos bairros da periferia, de diversões eletrônicas, lanchonetes, etc.(Abramo, op.cit).

Na localidade onde realizei a pesquisa este fenômeno pode ser bem ilustrado pelas fotos que mostram a edificação original do clube onde os jovens reúnem-se para diversão e a sua estrutura atual reveladora de uma expansão que resulta da utilização que a juventude faz deste espaço.

Acompanhando o comportamento juvenil é, embora pareça quase natural, possível constatar que as políticas implementadas para o desenvolvimento do país vão distanciando os jovens da esfera da discussão pública, gestando condições para a invenção de um modo muito próprio para a realização da juventude no espaço e no tempo e contribuindo para a produção de novos sentidos e valores.

Nos anos 90 o movimento caras-pintadas acena para o questionamento sobre o ressurgimento da participação da juventude após uma letargia de 20 anos.

No entanto, autores como Mattos⁶ questiona: *o comportamento político da geração-shopping é produto da chuva de lama que assola o País, do modismo televisivo de “Anos Rebeldes” ou influência massiva da mídia?”*.

Ao refletir sobre este fato a autora indica a possibilidade da presença da mídia como fomentadora do movimento que reuniu e levou milhares de jovens às ruas das

⁵ Gohn observa que embora muitos considerem os anos 80 como a década perdida tivemos alguns ganhos no plano sócio-político como as demandas da sociedade civil brasileira pela educação .GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Educação.SP.Cortez,1992.

⁶MATTOS, Ana Luisa de. Ressurgimento do Movimento Estudantil: realidade ou ficção? in Revista Educação.n.25. pág. 79-91.Porto Alegre,1993.

principais capitais do país para protestar contra as denúncias de corrupção no governo Collor.

No seu entendimento, no entanto, as passeatas da juventude em agosto de 1992 revelam uma fusão entre os espíritos de duas épocas: *“as grandes manifestações de massa de cunho político, típicas dos anos 60 e 70, se realizaram com a diversidade cultural e estética dos anos 80 e 90. O resultado foi o que se viu nas ruas e surpreende a todos: “punks” lado a lado com “rappers”, metaleiros com mauricinhos, capoeira e “reggae”, ou seja, uma confederação de tribos, cada uma com seu estilo, suas roupas, seus símbolos e sua linguagem própria.”* (pág.90).

Porém, introduz e ocupa-se de uma discussão que aponta para a distinção entre movimento estudantil e movimento de juventude. Observa que o primeiro radicaliza a sua vinculação à universidade, pretendendo a criação de uma contracultura, enquanto que o segundo radicaliza sua vinculação ao sistema, negando-o através de uma prática que se apoia na improvisação e na espontaneidade e distanciando-se de criar vínculos com quaisquer movimentos organizados.

Atualmente, qualquer leitor ao folhear as páginas dos jornais de circulação sabe que a temática da juventude encontra-se em pauta relacionada às causas como trabalho, educação, violência, lazer, saúde, drogas, sexualidade e tantas outras. Deste modo, desperta preocupação e aponta a condição juvenil como um problema para a juventude. Os jovens que encarnavam o futuro e suas promessas hoje se configuram como um problema para a sociedade.

As questões da juventude estão tomando espaços em todos os periódicos. As manchetes denunciam o alarmante fato de que em nosso país quatorze jovens se matam por dia⁷ (O Globo,19/05/96), a fuga e o abandono praticado por moças e rapazes que desejam romper com suas famílias (Folha, 05/11/95), os grafiteiros na escola e a delinquência juvenil (O Globo, 09/07/00), gangues juvenis e violência praticada por jovens (O Globo, 25/08/99 e 19/04/00).

A juventude também ganhou destaque na revista Veja sobre a igualdade dos jovens da geração globalizada (1995) , geração da onda (1997) e na revista Domingo sobre os movimentos dos meninos funkeiros que pegam carona na música como fuga da miséria (JB,12/11/95).

Ainda no acompanhamento dos matutinos é possível reunir fatos sobre o desinteresse dos jovens pela atividade política, a ressurreição dos caras-pintadas, a existência em nosso país de um milhão de jovens analfabetos ,respectivamente Jornal do Brasil e Folha de São Paulo, sobre os expressivos números que denunciam que 42 mil jovens de Brasília já integram gangues e mais de 4.800 fazem parte de algum grupo de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura-Unesco (O Globo, 25/08/99).

Reportagem sobre a ociosidade dos jovens sem escola e trabalho registra que, segundo dados do IBGE e do Unicef, quase 80 mil crianças e jovens entre 10 e 17 anos

⁷ A morte da juventude também convive na sala de aula. No ano de 1999 a direção da Escola Municipal Jayme Fichman em Duque de Caxias fora convocada para comparecer ao posto de atendimento médico de Saracuruna para reconhecer os corpos de dois jovens que haviam cometido o suicídio na parte da manhã. Ao fazer o reconhecimento dos corpos constatou-se que se tratava de alunos de uma outra escola. No entanto, em depoimento um aluno do curso noturno revelou-me que ele mais um grupo de seis jovens, todos estudantes de escolas públicas da localidade, haviam estabelecido um pacto de morte coletiva diante das insatisfações com as condições de suas vidas. Depôs que os dois jovens haviam antecipado o pacto e que o suicídio coletivo ocorreria no dia seguinte. Interrogado sobre os motivos e as condições do pacto de morte me revelou que os conflitos familiares, a insatisfação com a ausência de oportunidades de uma vida melhor e o convívio

colocam o estado do Rio de Janeiro em segundo lugar no ranking nacional da desocupação juvenil (O Globo, 19/07/97).

A temática da juventude também chegou nas telas. A indústria cinematográfica vem discutindo questões do universo juvenil produzindo filmes como *Diário de um adolescente* (), *Kid's* (), *Mentes perigosas* (), *O preço do desafio* (), *Terra estrangeira* () e *Garota Interrompida* () entre outros.

Os conflitos e as dificuldades que se colocam na trajetória dos jovens revelam um quadro preocupante e assustador.

Quem poderá permanecer indiferente a uma geração que se apresenta tão contraditória entre manifestos de revolução e alienação, de alegrias e tristezas, de vida e de morte?

Pela primeira vez, segundo o IBGE, os jovens são o grupo etário mais numeroso do país. O Brasil tem atualmente uma população de 34 milhões de jovens na faixa de 10 a 19 anos. Esta legião de jovens indicam para o estado e seus governantes a exigência e uma imediata revisão nas políticas de assistência à juventude.

À medida que a democracia alarga os direitos sociais e políticos, alargam-se também as legiões de excluídos e entre estas estão os meninos do Brasil.

A cada instante as estatísticas causam surpresas ao anunciar que crianças e jovens não têm acesso à educação. Em nosso país há 2.700 mil jovens entre 7 e 14 anos sem atendimento escolar.

Há algum tempo era a permanência no sistema escolar, a liderança e as expectativas da promessa juvenil que tornava a juventude um grupo etário visível. Agora, é

com as dificuldades econômicas constituíram a opção pela morte. O jovem, com 19 anos, permaneceu na escola por mais um semestre abandonando-a sem concluir o ensino fundamental.

justamente por meio da negação de oportunidades, da miséria, da violência e da ausência de pistas para realização de um projeto de vida que os jovens tornam-se notórios engrossando, a cada dia, a legião dos sem esperanças e sem perspectivas.

Por outro lado, embora os indicadores registrem que há muitos jovens analfabetos e fora da escola ou de qualquer assistência e que o próprio poder público, por intermédio do MEC, tem recomendado aos governantes municipais e estaduais o atendimento no interior das escolas e da expansão de programas de educação de jovens e adultos, o que parece mais cruel é saber que mesmo aqueles que se encontram no interior das escolas, ainda assim, não estão protegidos de armadilhas e de ameaças impostas à juventude.

Forrester (1997) observa sobre o vazio e a ausência de qualquer projeto, de qualquer futuro, de qualquer felicidade, da mínima esperança que o saber poderia endereçar à juventude se a experiência escolar fosse fortalecida.

Nas camadas populares a escola ainda é considerada como mecanismo de ascensão social. Essa crença é fundamental para manutenção dos jovens no sistema de ensino. Mesmo porquê a ocupação com os estudos sugere para as famílias uma atitude de proteção pois retira os filhos da rua e os protege da exposição à violência, sobretudo aquela imposta às classes populares. Mas quem protege a juventude de outras manifestações de violência? Quem a protegerá da impossibilidade de endereçar uma esperança, um projeto de vida?

Realmente não há como deixar as questões da juventude fora de uma agenda política, reflexiva e investigadora. Logo, é preciso fortalecer e ampliar os espaços para o debate sobre o universo juvenil.

Na verdade, não se pode poupar do acompanhamento e da investigação do universo juvenil. O tema tem sido recorrente nos trabalhos de antropologia e de sociologia como aponta Levi e Schimitt (1996).

No entanto, a temática juvenil tem afirmado a sua inserção na Educação revelando um campo fértil para estudo, pois com um amplo elenco como os valores, os estilos, as algazaras, as melodias, as formas de agrupamento, a violência, a escola, o trabalho, e o lazer a juventude protagoniza na sociedade um espetáculo com ensaio aberto onde a preocupação com os próximos atos deve ser de todos.

Para concluir convoco Linhares (1996):

“ Certamente a juventude tornou-se um emblema desse tempo, com suas contradições. Diante dela nos deparamos, mas também nos alimentamos com perspectivas de futuro. O nosso narcisismo não encontra espelho que nos dê a estabilidade com que a fé no progresso acenava até há pouco tempo. Daí vociferamos em nossas decepções, afirmando que a nova geração abandonou os valores e se entregou com voracidade aos gozos, recusando o esforço de instituir o novo para aderir ao cinismo ao salve-se que puder (...). Será isto? Por que os jovens exercem tanta desconfiança quanto fascínio? Como eles vão respondendo aos desafios de construir o futuro? Qual o legado que vamos lhe entregando”.

Um olhar sobre uma outra juventude: os jovens da Baixada Fluminense

A recente composição *Barulho de Trem*⁸ diz sobre a presença de alguém que junto à estação *lugar de despedida*, *de emoção* e chegada, está ali de modo diferente, pois por estar isento do movimento de chegada e de partida conservando apenas o desejo de observar e ouvir o barulho de trem.

A canção sugere sobre um espectador interessado, inicialmente, no barulho do trem que acaba por ficar atento também à dinâmica das pessoas e suas emoções na estação.

Na verdade, o espectador é um ser observador do outro e das imagens produzidas.

A composição revela e traduz um pouco do movimento que emprestei às minhas atividades nesta pesquisa uma vez que permaneci, e ainda permaneço, por um período junto à Estação Saracuruna observando como espectador a juventude e as imagens por ela produzidas.

Neste trabalho defini como investigação a proposta de olhar os jovens das classes populares. Logo, permaneci na estação fazendo uma leitura da imagem da juventude, de um outro que desejava olhar e reparar.

⁸ Composição musical de Milton Nascimento, Cd Milton Nascimento em Crooner, 1999.

Portanto, para esta tarefa, tomo empréstimo de uma das escalas que as pessoas são impelidas a fazer no itinerário da vida para investir na compreensão dessa outra juventude que é composta por moças e rapazes da classe popular.

A juventude é, no itinerário da vida humana, uma estação instituída que tem gerado muitas discussões, polêmicas e questionamentos.

A partir da presença deste grupo, na escola, foi que tracei como desafio investigar e elucidar um pouco das questões que a juventude popular que pela maneira de ser, pelos valores que cultua, pelas imagens que produzem constitui um outro.

No estudo proponho olhar não qualquer juventude. Porém uma específica que são os jovens da Baixada Fluminense. Na verdade, uma outra juventude, um outro.

Novaes (1997) utiliza o termo juventudes e justifica o emprego do substantivo no plural para evitar que se opere com esta categoria como um grupo naturalmente constituído por problemas ou interesses comuns. Para a autora a idéia de juventude como pertencente a um ciclo universal e imutável pode encobrir as diferenças entre os jovens em termos de cultura, de classes, grupos e configurações sociais.

Mas quem é o outro?

Figa (1998) alerta que o tratamento dispensado no olhar o outro implica na exigência permanente de um questionar porque:

“ se construímos uma entidade, por exemplo a infância, construímos ao mesmo tempo outra entidade: a outra infância (...) definida em oposição à primeira, em relação a ela em direção a ela, verso-reverso da primeira, na qual todas as qualidades da

primeira se transformam em não qualidades da segunda, em sua imagem invertida?”.

Isto traz como exigência o movimento de ir além da investida de dizer o que é o outro. Mas investir e insistir em saber quem é esse outro. Não basta dizer dele é preciso oportunizar que ele diga quem é, para que diga como se constitui, como se sente e qual o seu sentido.

Como adverte Mèlich (1998) o outro com quem alguém está desde o princípio, não é resultado do meu conhecimento. Situa-se muito além do saber e do conhecer (...).

Será que pode ser tão simples definir o outro apenas com as imagens que ele produz?

É preciso saber o sentido do outro, como cada pessoa e grupo se sente, como cada um empresta sentido às suas experiências. É preciso saber quais as multidões presentes no outro.

Deste modo, deve-se compreender que não há apenas uma única juventude e que o jovem carrega consigo uma multidão onde às vezes é preciso deixar de ser jovem, outras é preciso continuá-lo a ser para sobreviver no campo do outro. Assim, como reagiu um jovem de 22 anos, ao ser advertido quanto ao seu comportamento de assédio a uma aluna na sala de aula, dizendo que ele merecia ser tratado com tolerância pela direção por ser adolescente ainda. O aluno recorreu a invenção de uma etapa juvenil para justificar e legitimar a sua atitude no interior da escola.

Os jovens são todos iguais?

Na leitura de Pasolini (1990) é possível verificar o esforço do autor que, como intelectual e crítico do seu tempo, esteve ocupado em trazer à pauta as armadilhas do *fascismo do consumo*, a partir da observação e da denúncia sobre o comportamento da juventude.

O autor, em sua coletânea de artigos⁹, exerce suas críticas aos mecanismos de inculcação de valores consumistas e desvenda as mutações da cultura dos jovens italianos. Indignado com as deformações da juventude Pasolini recorre às suas lembranças para resgatar um modelo de ser jovem, ou melhor dizendo, uma maneira antiga de representar a juventude. Com saudosismo revela que os jovens eram ávidos espectadores da trama e da sabedoria do mais velhos, pois conservava como desejo mais íntimo ocupar o lugar dos próprios pais.

Atualmente, os jovens negam as experiências dos mais velhos e acreditam que estas não respondem mais às suas exigências e necessidades. Como afirma Linhares (ib.) “*os velhos perdem a imagem da sabedoria que lhes atribuía um lugar de guardião da memória e de narradores de seu tempo*”.

Por que a experiência do mais velho deixou de ser um cordão umbilical do jovem com o mundo?

⁹ PASOLINI, Pier Paolo. Os jovens Infelizes. Editora brasiliense, 1990.

Na verdade, as alterações são tantas que os próprios pais e educadores desconhecem os seus lugares na educação dos jovens. Qual o lugar reservado pela juventude para a família e seus professores?

As observações de Pasolini conduzem á crença do quanto os mais novos se inspiravam e se influenciavam pelas experiências dos mais velhos. A juventude lhes parecia desconcertante e os adultos correspondiam ao padrão a ser seguido. Mas hoje qual é o paradigma que os jovens elegeram? Há um modelo eleito pelos jovens? Quais são as imagens de uma outra juventude?

Vive-se, atualmente, *um tempo partido* , *um tempo de homens partidos*¹⁰ e não há como negar que a sociedade faz culto a outros valores. Mas como é possível em um mundo tão fragmentado cultar os mesmos valores e se travestir com as mesmas imagens? Qual é o sentido das imagens que a juventude tem produzido? Quais são as outras imagens dos jovens?

Mesmo sabendo que são explícitas as contradições expostas entre o s países do norte e do sul, países ricos e pobres, apontam as pesquisas mercadológicas sobre uma igualdade presente nas intenções dos jovens da economia globalizada.

O poder decidiu que agora todos são iguais e que os jovens são detentores de uma identidade universal onde não há espaço para exercer valores ou representar imagens que não sejam aquelas gestadas pela política global.

Mas será que os jovens são todos iguais? Servem aos mesmos valores? Produzem as mesmas imagens e congregam um único outro? Que mecanismos são esses

que ocultam as marcas das diferenças dos jovens ricos e pobres, dos urbanos e das periferias? Quem é a juventude de Saracuruna na Baixada Fluminense?

O que resta saber é a quem interessa a crença de que os jovens são todos iguais e produzem as mesmas imagens em realidades tão distintas? Será que o anúncio da igualdade é um novo mecanismo orquestrado para ocultar as diferenças, para inibir a idéia de que há vida pulsando em outras direções com outros sentidos? Será uma orquestra para inibir que a juventude veja o caos e possa desejar assumir a dianteira nos rumos da história?

Já não é mais possível negar o interesse que se expressa em apostar em uma igualdade de comportamento e nas aspirações das pessoas, sobretudo dos jovens, com o propósito de facilitar o consumo e a penetração de ofertas e serviços.

A idéia de igualdade encobre as feridas expostas pela miséria, pela exclusão, pelas interdições impostas à juventude e inaugura junto a todos uma atitude de conformismo, de imobilidade social e impossibilidade de enxergar o que é preciso ver, quase que retirando *a responsabilidade de se ter olhos*¹¹

Portanto, foi preciso ir até a Estação Saracuruna olhar e ouvir além do *barulho do trem* apostando em recuperar junto aos jovens da classe popular os movimentos, as imagens e os sentidos que os jovens emprestam à suas vidas.

Por que é importante reunir a história de uma outra juventude, olhar a imagem e ouvir o sentido que ela tem lhe emprestado?

Posso dizer que ouvir a história do outro e, neste caso dos jovens da classe popular, ajuda refletir sobre como são fabricadas as imagens distorcidas e equivocadas da

10 ANDRADE, Carlos Drummond de. Nosso tempo in Antologia Poética. Editora Abril Cultural.SP,1982.

11 SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. Companhia das Letras.SP,1995.

juventude e sobre o funcionamento de um processo de classificação e de exclusão daquelas pessoas, grupos ou segmentos que estão distanciados da nossa maneira de compreender e de agir no mundo e, sobretudo, contribuir para a compreensão que não há uma única juventude com manifestações universais.

Duque de Caxias: um lugar de muitas histórias e de poucos contadores

Parece que a convivência das pessoas na cidade vai retirando e apagando as marcas das diferenças como se todos vivessem as mesmas experiências e produzissem os mesmos sentidos.

Konder (1994) observar que o habitante das imensas cidades do século XX se sente ameaçado, perseguido, e deve apagar os seus traços para sobreviver.

Sendo assim, as histórias que podiam ser reunidas, olhadas, observadas, embora imersas, ficam diluídas no cotidiano e carecem ser contadas.

Assim, vejo a cidade de Duque de Caxias como um lugar que reúne muitas histórias e movimentos, mas poucos são os narradores. Talvez porque *é mais fácil e mais freqüente que os moradores se esbarrem fisicamente do que se encontrarem e se conhecerem humanamente* (Konder, opus cit.).

Nesta etapa a seguir vou me colocando como um narrador para o leitor sobre a minha experiência de olhar e reparar os jovens de Saracuruna em Duque de Caxias. Contribuindo, deste modo, para não apagar as marcas e diferenças da região, para que Saracuruna possa ser enxergada com tudo aquilo que lhe é peculiar.

Entre outras experiências o movimento da pesquisa foi me aproximando mais da Baixada Fluminense, de sua gente e, especialmente, de seus jovens.

A Baixada Fluminense, composta pelos municípios e Belford Roxo. Japeri, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Mesquita, São João de Meriti e Duque de Caxias, concentra uma grande parcela da população de todo o estado do Rio de Janeiro, segundo resultados preliminares da contagem populacional realizada pelo IBGE, em 2000 que registrou a fixação de 2.670.787 habitantes na região.

O carnavalesco da Escola de Samba Leão de Nova Iguaçu com o desejo de denunciar as dificuldades da região e anunciar a contribuição da Baixada Fluminense para o cenário do estado desenvolveu em 1994 um enredo que ocupou-se de apresentar a importância desta localidade no período imperial e que, atualmente, mesmo sendo atravessada por importantes rodovias que ligam cidades e outros estados do país sofre muito violência e discriminação.

Na composição do samba enredo os autores se queixam da poluição e das agressões ao meio ambiente, do descaso com o patrimônio cultural e natural da região.

O enredo desenvolveu-se mostrando as festas populares, a cultura nordestina, os artistas circenses, os parques de diversões e as atividades promovidas para o lazer da população.

A Baixada apresenta uma taxa de 89,1% da população alfabetizada, 95,7% de domicílios residenciais com o padrão de casas, 11,4% de hospitais credenciados pelo SUS-

Sistema Único de Saúde, 152 linhas de ônibus que fazem interligações municipais e uma demanda de 150 a 200 mil passageiros por dia na utilização dos trens.

Com a intenção de oportunizar para o leitor uma maior compreensão sobre o município onde realizei a pesquisa e de contribuir para aproximá-lo mais do contexto dos jovens aponto, a seguir, algumas informações levantadas sobre a região.

Caxias, como normalmente é o tratamento dado à região por seus moradores, é uma das principais cidades do estado do Rio de Janeiro.

Com uma população expressiva de 697.478 habitantes distribuídos em quatro distritos, ocupa a 2ª posição em arrecadação de impostos para o estado sendo a 8ª na colocação nacional.

A sua proximidade com a cidade do rio de janeiro e a facilidade de acesso com a construção da Linha Vermelha e com as demais ligações rodoviárias tem exercido atração por investidores que, também, recebem incentivos do governo para implantação de um pólo de serviços objetivando a geração de empregos e renda na própria região que, por muito tempo, fora identificada como dormitório da classe trabalhadora.

Desde a sua implantação, em 1961, a Refinaria de Duque de Caxias colaborou muito para o crescimento econômico reunindo na localidade diversas empresas de derivados de petróleo, indústria químicas, comércios e serviços.

A política da atual secretaria de cultura municipal tem incentivado a produção cultural na cidade por meio do apoio às iniciativas de festivais musicais, de poesia, de teatros, de projeção de vídeos, de festas comunitárias e intensificado a presença do poder público municipal nas manifestações populares.

A feira livre, realizada aos domingos com manifestações da cultura nordestina conta com a participação de muitos jovens que vão até lá para atividades de trabalho e lazer.

A feira da Comunidade e a Semana das Tradições e Artes dos Negros¹² realizada anualmente no período de 14 a 20 de novembro com a indicação da lavagem do busto de Zumbi dos Palmares compõem os eventos marcantes da cidade.

O município dispõe de bibliotecas (4), de cinemas (4), teatros(5), e de 105 escolas municipais de ensino fundamental apresentando uma taxa de 88,3% da população alfabetizada com uma renda per capita de

No entanto, mesmo com o incentivo do poder público a vocação cultural da cidade ainda é muito inibida para atender as solicitações da população, sobretudo dos jovens da localidade.

O mosteiro de São Bento datado de 1640 e a igreja do Pilar compõem parte do patrimônio histórico, assim como a área de proteção ambiental de São Bento, criada em 1997, e o Parque Municipal da Taquara com a cachoeira conhecida como véu de noiva são os destaques do patrimônio natural da região onde este último recebe visitas regulares de muitos jovens da Baixada.

A cidade de Duque de Caxias ocupa uma área de 442 quilômetros quadrados em forma de triângulo e localiza-se na zona fisiográfica da baixada, à margem da Baía de Guanabara, fazendo limites ao norte com Miguel Pereira, ao leste com o município de Magé, ao sul com o Rio de Janeiro e a oeste com São João de Meriti.

¹² De acordo como artigo 17 das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município de Duque de Caxias. Fonte: Instituições e Espaços Culturais de Duque de Caxias. Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

A sua divisão administrativa é composta por quatro distritos. O 1º distrito denominado de Duque de Caxias reúne os bairros de Cavalheiros, Periquito, Centro, 25 de Agosto, Parque Duque de Caxias, Sarapuí, Vila São Luís, Bairro Laureano, Centenário, Olavo Bilac e Jardim Gramacho.

Denominado de Campos Elíseos o 2º distrito, localidade propriamente onde realizei a pesquisa, é composto pelos bairros de Campos Elíseos, Cângulo, Pilar, Primavera, Santa Cruz da Serra, São Bento e **Saracuruna**.

Já os bairros de Imbariê, Morabi, Parada Angélica, Santa Lúcia, Taquara e parte de Santa Cruz da Serra compõem o 3º distrito da divisão administrativa de Duque de Caxias.

Xerém é a sede do 4º distrito que tem os bairros de Capivari, Amapá, Lamarão, Mantiqueira e Santa Rosa.

Duque de Caxias: breve histórico

Pelo Decreto-Lei Estadual n. 1.055 de 31/12/1943 Caxias, 8º distrito de Nova Iguaçu, passou a denominar-se Duque de Caxias e foi transferido do município de Nova Iguaçu para o novo município criado.

O decreto cria o município de Duque de Caxias com os distritos de Duque de Caxias, Imbariê e Meriti.

Com o Decreto-Lei n.1.056 de 31/12/1943 cria-se a comarca de duque de Caxias. Em 18/01/1951 a Deliberação de n.15 funda a subprefeitura de Imbariê com sede no 2º distrito e a Lei 2.157 de 28/05/1954 cria os distritos de Campos Elíseos e de Xerém compondo, assim, a divisão administrativa do município com 4 distritos.

O município de Duque de Caxias, desmembrado de Nova Iguaçu, é criado em 31/12/1943, embora o aniversário da cidade seja comemorado no dia 25 de agosto que para os caxienses constitui a sua data magna porque presta homenagens ao patrono do Exército Marechal Duque de Caxias.

Caxias com uma população de 715.089 habitantes, sendo que 348.528 são homens e 366.561 são mulheres, conta com o atendimento de 318 escolas de ensino fundamental onde desse número 105 são municipais e 71 unidades são para atender a demanda do ensino médio.

Saracuruna: a estação dos jovens

“Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve, E contudo entre eles há uma relação”.
(Marco Polo, por Ítalo Calvino em As cidades Invisíveis)

Chegando a Saracuruna de automóvel pela entrada de Campos Elíseos, junto à REDUC – Refinaria de Duque de Caxias – ,ou de trem partindo da Central do Brasil é possível verificar que a linha férrea atravessa a localidade onde, por parte de sua extensão, há casinhas beirando os trilhos.

Essas casas com telhados de duas águas foram concedidas aos funcionários da RFSA e, em algumas, ainda é possível encontrar a placa de identificação da RFSA.

De acordo com Sérgio Moraes¹³ junto de algumas estações era comum a construção de residências para os ferroviários e, tornava-se comum, quando a estação atendia uma localidade de destaque, designar uma unidade residencial para ser ocupada por um agente de estação.

Atualmente, em Saracuruna ainda é possível localizar estas residências junto à linha férrea em estado original.

A Estação Saracuruna foi inaugurada em 02 de Dezembro de 1926 e, inicialmente, como Estação Rosário, nomeação do clube da comunidade até hoje, pertencendo à Estrada de ferro Leopoldina.

A antiga Estrada de Ferro Leopoldina foi constituída com a incorporação de várias linhas férreas do Estado ou de particulares em diversos espaços. Logo, tornou-se bastante extensa com 3.056.633 quilômetros ligando os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Suas origens datam do ano de 1871, quando o governo imperial constituiu em Londres, uma empresa com capitais ingleses e brasileiros para a construção de uma estrada

¹³ Arquiteto da Coordenadoria de Destinação de Bens Históricos da RFSA que concedeu depoimento na etapa em que permaneci na RFSA consultando o histórico da Estação Saracuruna.

de ferro entre Porto Novo do Cunha, Minas Gerais, onde já haviam chegado os trilhos da Estrada de Ferro D.Pedro II.

Embora desde 05 de junho de 1872 tenha surgido a Companhia de Estrada de Ferro Leopoldina foi somente em 02 de dezembro de 1926 que a Estação Saracuruna passou a fazer parte da rotina dos moradores da localidade quando esta foi aberta ao tráfego público.

Siqueira (1938) registra que foi pelo Decreto número 565 de 18/11/1898 que o Estado do Rio de Janeiro entre outros concedeu à Leopoldina Railway o privilégio para construção de uma linha férrea de Porto das Caixas ao Entroncamento. No entanto, alguns fatos retardaram o prolongamento resultando na aspiração do prazo contratual. Este fato apontou para a abertura de nova concessão da linha férrea de Porto das Caixas passando por Magé. Sendo assim, a Leopoldina em 11/11/1916 requereu a preferência da concessão obtendo-a em 18/08/1917 pelo Decreto número 1.564.

Saracuruna é um localidade situada no 2º Distrito , às margens da Rede Ferroviária, recebendo esta denominação em função do rio Saracuruna que serve de divisa entre o 2º e 3º distritos.

O significado de Saracuruna¹⁴ é proveniente de saracura, uma ave animadora dos brejos que com o seu cantar estranho e ensurdecador é prenuncio de bom tempo.

A juventude na Estação Saracuruna

A juventude em Saracuruna, enquanto grupo etário, torna-se notória a partir da utilização dos espaços escolar e de lazer.

¹⁴ Retirado da Coletânea de Termos Indígenas na Toponímia Duquecaxiense. LAZARONI, Dalva. Duque de Caxias Nosso Município. Mimeo.s/d.

Os jovens como usufruem muito pouco do próprio município de Duque de Caxias e da cidade do Rio de Janeiro vão ocupando os espaços desta localidade privatizando-os com as suas ações.

Junto às praças eles vão batendo uma bola, praticam capoeira, andam de bicicleta, *ficam* e fazem *zooção*.

A estação, divisa do localidade, tornou-se por muito tempo local de concentração de jovens que ali reunidos trocavam idéias, paqueravam, combinavam as festas e a freqüência nos bailes promovidos pelo clube e as demais incursões pela noite. Era o ponto de encontro da *galera* dos dois lados.

No entanto, com a privatização da rede ferroviária a Supervia, nova empresa que passou a gerenciar o transporte ferroviário, realizou a reforma da estação fechando a servidão que aproximava *o lado de cá e o lado de lá* da localidade estendendo esta passagem para um pouco mais distante. Deste modo, foi empurrando a concentração dos jovens para as duas praças do bairro de Saracuruna.

Embora a praça da estação fique mais próxima ao embarque/desembarque, onde há uma concentração da oferta de serviços como mercado, lojinhas, padaria, e banca de jornal, os jovens concentram os eus encontros na *praça do clube*.

A *praça do clube Rosário*, assim como é conhecida na região por reunir uma quadra de esportes com alambrado, alguns *trallers* que oferecem o *fast food* e por ser junto ao clube, à Escola Municipal Jayme Fichman e à passagem de muitos estudantes para as outras escolas, compõe o *point* da juventude, local de *gozar a vida, zooção, de paquera, de matar aula, de ficar, de mahar o corpo* e de fugir do controle da família e da escola.

A praça é mais que uma área de lazer para os jovens. É um território muito próprio privatizado pelos hábitos, pelos vestuário, pela linguagem juvenil e pela invenção

do seu próprio tempo. Assim, colaborando para a sua sociabilidade mais autêntica sem a intervenção dos membros da família e da escola.

“O lazer, para os jovens, aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências através dos quais referências e identidades individuais e coletivas – é um espaço menos regulado e disciplinado que os da escola, do trabalho e da família . O lazer se constitui também um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida”.(Abramo,ib).

A praça do clube é o território do devaneio, do enamoramento, das descobertas, da troca de idéias sobre o corpo, a sexualidade, a família, a rotina da escola e das incursões da noite.

O tempo, assim como o espaço, apresenta uma outra dimensão para os jovens usuários da praça. Ali é o tempo de fuga das obrigações do lar, muitas moças e rapazes realizam tarefas domésticas como tomar conta dos irmãos menores e sobrinhos mais novos, ocupam-se da limpeza da casa e do quintal, preparam as refeições para a família e fazem compras no comércio local. É o momento de invenção de como utilizar o tempo roubado das tarefas domésticas, das atividades escolares, do controle dos pais e professores. Vive-se intensamente a algazarra, a contemplação do outro, da amizade e do desejo pelo sexo oposto. É o tempo inventado para a sedução onde os rapazes, quase sempre sem camisas, exibem os corpos torneados pelos músculos e as moças usam roupas de coton coloridas e curtas. Com frequência muitas moças chegam à praça trajando este vestuário e ao ingressar na escola vestem o uniforme retirando-o imediatamente à saída.

O vestuário juvenil é, composto por basicamente, bermudas, shorts, bonés, camisetas de clubes de futebol, minissaias de coton coloridas, miniblusas e blusas com transparências e calças de lycra, repreendido pela escola e seus professores. Com muita frequência os jovens são convocados pelos dirigentes e inspetores para advertências.

Alguns professores, embora condenem e considerem os trajés inadequados dos jovens para o ambiente escolar, sentem-se retraídos de orientar ou repreender temendo uma exposição ao ridículo ao serem questionados como retrógados ou terem a sua orientação sexual sob suspeita.

No entanto, mesmo sendo alvo de críticas o vestuário e a exposição do corpo têm uma função importante para a juventude como esclarece Abramo:

“ A roupa e a imagem corporal assumem uma importância particular para os jovens, por vários fatores. Um deles é que a preocupação com a própria imagem assume um significado todo particular nesse momento da vida, motivada pela transformação recente do próprio corpo, e com a atenção exagerada que o adolescente acaba voltando para si mesmo. A busca de exhibir sinais seguros e visíveis de pertencimento a um determinado grupo faz parte do processo de definição de identidade característico dessa fase”(1994,pág.71).

O movimento pela busca de identificação acaba inserindo o jovem em atitudes de suspeita, de desconfiança e preconceitos.

Os jovens que resistem ao uso de bonés no interior da escola são repreendidos e sentem de perto a suspeita como é o caso de Diego,18 anos e aluno do curso

noturno. Ao ser repreendido pela insistência do uso do boné na sala de aula pelo professor o jovem argumentou dizendo que não merecia ser tratado com discriminação. Para ele os professores o dispensavam um tratamento preconceituoso por ser usuário de boné. Disse que por vezes sentia-se como um marginal na sala de aula. No entanto, o uso era justificado porque gostava e precisava ocultar uma cicatriz após um corte acidental na região frontal. Inconformado com a advertência e o tratamento dos professores revelou que era honesto, tinha família, não usava drogas, morava com os pais e durante o dia cuidava do sobrinho para que a irmã pudesse trabalhar como doméstica na cidade do Rio de Janeiro.

Compreendo que a busca do diálogo e a compreensão do vestuário e das imagens produzidas pelos jovens é muito importante porque traduz um movimento de inserção em esferas que envolvem o contato social e a circulação pública, onde estão em jogo as possibilidades de amizade, de namoro e de aceitação pelo ambiente.

Para confirmar a sua inserção e facilitação nos espaços os jovens buscam compartilhar gestos, condutas, linguagens e vestuário que, por vezes, acabam por retirá-lo de ambientes como a escola e outros espaços sociais que são importantes para a realização de sua conduta social. São muito comuns os casos de estudantes que abandonam parcialmente a escola por atividades temporárias para aquisição de um par de tênis, um jeans ou uma camiseta que lhes imprimem uma legitimidade para circulação junto aos outros jovens.

Após períodos de afastamento das atividades escolares, com prejuízo de carga horária, do aproveitamento e da própria convivência, os jovens retornam à sala de aula com produtos adquiridos em troca de sacrifícios pessoais como a ausência de uma alimentação adequada, de um tratamento médico ou dentário e do fracasso escolar naquela etapa. Muitos sacrificam o bimestre integral e quando retornam o aproveitamento e a

promessa de promoção à série seguinte ou a conclusão do ensino fundamental já se tornaram incertas.

Porém, o mais importante, a maior satisfação fora atendida com a aquisição do produto desejado. O valor atribuído aos bens de consumo é maior que o próprio projeto de escolarização.

A Juventude e o Clube

O Social Clube Rosário surge na localidade de Saracuruna no ano de 1956 sendo inaugurado em 07 de setembro por membros da comunidade.

Como na localidade não há uma industrialização de espaços de lazer como cinemas, teatros, espaços culturais, etc, o clube, além da praça, é um dos únicos espaços que oferece aos jovens de Saracuruna atividades esportivas e recreativas.

Na verdade, a fundação do clube foi uma invenção para atender às necessidades recreativas, esportivas e de lazer da comunidade trabalhadora da região. A oferta de uma programação para a população como eventos de apresentação de grupos musicais, bailes carnavalescos, desfile de modas, festa da primavera e outras foi aos poucos oportunizando aos seus usuários vivenciarem na própria comunidade as festas e os eventos do calendário cultural local e nacional.

O surgimento do Social Clube Rosário foi marcado por uma construção inicial pouco arrojada em um reduzido espaço como ilustra a fotografia. Com a extensão da programação junto à comunidade veio a ampliação do espaço e a participação em forma de associação pelos moradores. A ampliação contou com a construção de quadras cobertas, campo de futebol e de piscina olímpica.

Por muito tempo a contribuição dos sócios e os eventos promovidos colaboraram para a manutenção do espaço com uma programação variada para o público infanto-juvenil e adulto.

No entanto, à medida que ocorreu um afastamento dos associados, pela aproximação com outras atividades recreativas fora da comunidade e a inadimplência, o clube foi constatando uma redução orçamentária que resultou em oferecer atividades direcionadas ao público juvenil como bailes para as galeras do *funk*.

O baile *funk* assim como reúne fundos para a manutenção do clube, na atualidade, também oportuniza a diversão dos jovens da localidade.

Nos finais de semana o clube aglomera jovens que utilizam o espaço com fins recreativos onde ao final de cada baile há ocorrências de conflitos envolvendo galeras juvenis.

Durante um determinado período os bailes funks foram reprimidos pela Vara da Infância e da Juventude em decorrência das violências sofridas/cometidas pelos jovens frequentadores. A suspensão deste evento, no entanto, trouxe dificuldades e implicações para a manutenção do clube que, driblando a legislação, oferecia a programação para os jovens como mecanismo de sobrevivência.

Nesta época, a Escola Municipal Jayme Fichman, desenvolvia em parceria com o Jornal O Globo o Programa de Leitura Quem Lê Jornal Sabe Mais. Entre as inúmeras atividades oferecidas pelo Programa havia uma parte destinada ao desenvolvimento da escrita denominada Repórter do Futuro onde as matérias elaboradas pelos alunos eram publicadas no Caderno Baixada do Jornal O Globo que circula aos domingos na região.

Na reunião de pauta com os alunos integrantes do projeto no Jornal O Globo uma aluna concluinte do ensino fundamental decidiu realizar uma reportagem sobre o baile funk promovido pelo clube e que posteriormente foi publicada na edição do Caderno Baixada com identificação da aluna e da escola.

A publicação resultou em alguns conflitos para a aluna e para a sua escola. A aluna sofreu ameaças dos chefes de galeras por ter divulgado a realização do baile e o que acontece em seu interior tendo que permanecer afastada da escola por uma etapa. Já a escola sofreu ameaça por parte da diretoria do clube em suspender a cessão do espaço para a prática das aulas de Educação Física e para a realização da solenidade de conclusão de estudos dos alunos.

Atualmente, os jovens continuam utilizando o clube para as suas atividades esportivas e recreativas com uma programação que oferece o baile funk oportunizando à juventude articular as suas diversas redes de incursão na noite de Saracuruna.

Abramo (op cit.) esclarece que esses salões de dança proliferaram nas periferias das grandes cidades nos anos 70 e que os bailes de fim de semana nos salões parecem ser a principal atividade para diversão. Todas as pesquisas que fazem alguma referência ao lazer dos jovens de classes populares citam o salão ou a discoteca como lugar central de encontro e de diversão.

Diante da ausência da oferta de outros espaços institucionalizados para as atividades recreativas e para apropriação dos bens culturais o clube continua sendo a alternativa local mais próxima para os jovens realizarem às suas necessidades de diversão e de sociabilidade. O que, no entanto, pouco contribui para a formação e o desenvolvimento de suas possibilidades de relações interpessoais.

O Território do Lúdico e do Civil

As práticas lúdicas são presentes junto aos jovens de Saracuruna.

Embora os jovens experimentem as interdições materiais e culturais eles vão reinventando a apropriação e a utilização dos espaços com as suas atividades lúdicas, recreativas e de lazer.

Quando consultados sobre o lazer eles sempre fazem referências às praças e ao clube. No entanto, mesmo distante e impossibilitados de acessar as ofertas da indústria cultural e do lazer, os jovens da localidade de Saracuruna imprimem nos espaços um modo muito pessoal de utilização.

À medida que se distanciam dos bens culturais e materiais eles vão se aproximando do patrimônio natural da região. Considerando que da indústria cultural e do lazer os jovens se beneficiam muito pouco, já com relação à Natureza não se pode dizer o mesmo. Eles acabam aproveitando bastante daquilo que a Natureza oferece.

Nos seus depoimentos a utilização do patrimônio natural aparece através dos relatos dos banhos nos rios e cachoeiras, das atividades de pescaria, dos passeios de bicicleta na subida e descida da Serra de Teresópolis e no Parque da Taquara.

Retirando as atividades no interior da escola e da igreja, espaços institucionais, a impressão é de que os jovens reinventam a utilização dos espaços da localidade para a prática da recreação e do lazer¹⁵.

¹⁵ No estudo do lazer Rolim (1989) apresenta três conceituações para lazer de acordo com a dimensão econômica, sociológica, psicológica e psicossociológica. Aqui estou utilizando para empregá-lo na dimensão psicossociológica que aponta o lazer como um tempo livre empregado na realização da pessoa com um fim em si mesmo.

Junto aos jovens há uma distinção entre os territórios da prática civil e lúdica, pois aquelas atividades relacionadas à rotina como consulta médica, ir ao banco realizar um pagamento, retirar os documentos, trabalhar ou procurar trabalho e, até há algum tempo, freqüentar o ensino médio eram ações realizadas fora de Saracuruna, isto é, externas ao espaço de moradia, de estudo e recreação.

Logo, compreendo que muitas das dificuldades apontadas pelos jovens e seus professores com relação à escola podem resultar da impossibilidade da juventude adequar-se à prática institucional escolar em um território onde se vivência intensamente prática recreativa.

Os Jovens na Escola e a Escola dos Jovens

O dia vai entardecendo em Saracuruna e a rotina do bairro parece que vai acomodando cada coisa em seu lugar, se é que há um lugar para as coisas e se estas devem ser acomodadas.

O trem e os ônibus vão chegando e desembarcando na estação e em vários pontos os trabalhadores da localidade que retornam de suas atividades na cidade do Rio de Janeiro.

Independente do transporte utilizado, van, trem ou ônibus, todos com destino às localidades da Baixada Fluminense têm que embarcar no Terminal Américo Fontenelle, ou seja: na Central do Brasil.

Com freqüência tenho me perguntado por que o acesso à Baixada Fluminense fica tão destacado e em condições físicas e ambientais tão desfavoráveis. Será que é uma

forma de imprimir junto aos trabalhadores uma prática educativa para que estejam sempre atentos ao que a sociedade lhe reserva e quais são as expectativas que esta lhe oferece e permite?

O Terminal Américo Fontenelle apresenta condições muito desconfortantes e desfavoráveis aos seus usuários, tanto para os trabalhadores rodoviários como para os trabalhadores usuários que são conduzidos até à Baixada Fluminense. O local parece constituir-se como um imenso paredão que oculta da metrópole as condições de vida e de sobrevivência reservadas às classes populares. A igualdade entre o que oferece a metrópole do Rio de Janeiro e as regiões da Baixada reside há apenas, sobretudo, no que se refere aos deveres como o pagamento dos impostos e taxas e a obediência à lei. Quanto às condições de segurança e à oferta de bens culturais posso dizer que há uma dívida da metrópole diante do que é ofertado aos moradores da Baixada Fluminense.

Contrapondo-se à beleza natural e aos bens culturais oferecidos pela metrópole o Terminal Américo Fontenelle embarca os seus usuários para uma outra realidade ainda que não muito distante da *cidade maravilhosa*.

O deslocamento da cidade do Rio de Janeiro à Baixada Fluminense vai imprimindo ao trabalhador um olhar insistente às suas reais condições de sobrevivência, ao que esta autorizado requerer da vida.

A viagem vai confirmando para classe trabalhadora o quanto o trabalho é penoso, o quanto a viagem é longa e demorada diante dos constantes engarrafamentos, o elevado preço da passagem, a aglomerada lotação do trem e do ônibus e o quanto é reduzido o seu salário e as suas possibilidades de consumo. Assim, com um itinerário que lhe impõe insegurança e medo há um apelo para que o trabalhador veja o lado mais difícil e cruel da vida, sobrando pouco ou quase nada para que seja apreciado ou para que ele

possa recriar um outro sentido para a sua rotina. Sobre-lhe apenas saber que há um novo dia em que é preciso servir com sua força de trabalho à metrópole sem que dela nada possa retirar, usufruir ou ela possa ofertá-lo.

Entre estes trabalhadores que desembarcam em Saracuruna alguns são familiares, pais ou alunos da escola freqüentando a *escola da praça*.

Embora a literatura pedagógica denuncie que a escola pública ainda não atende as expectativas de uma grande parcela da classe trabalhadora, não é possível negar que ela é um direito social e que esta compreensão é compartilhada pelos jovens e seus familiares que diariamente recorrem à escola para solicitação de vagas.

A construção da Escola Municipal Jayme Fichman, *a escola da praça* como normalmente é denominada pela comunidade, inaugurada em 1969 resultou, inicialmente, da doação de um terreno junto à praça do Social Clube Rosário de Saracuruna pelo patrono da unidade escolar.

O prédio em sua construção originária apresentava poucas salas e atendia alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental com um número muito reduzido de professoras recrutadas na própria localidade. Como diz a diretora atual, professora Regina Netto de Freitas, era uma escolinha pequena com as poucas jovens professoras: *as meninas*.

A diretora em seu depoimento fornecer algumas informações onde, é possível compor a memória da escola, relata sobre a ausência das condições e a inadequação da infra-estrutura da unidade. Declara que na escola não havia água e que a cooperação das professoras é fundamental para o abastecimento dos filtros nas salas de aulas e para a elaboração da merenda escolar. Era prática comum o carregamento de água pelas professoras para abastecimento e manutenção da escola quando do início de sua inauguração.

Atualmente, após a reforma que recebeu, a unidade escolar é composta por oito salas de aulas que resultam no atendimento de 24 turmas com 1015 alunos distribuídos pelos turnos da manhã, tarde e da noite.

O turno da manhã atende, prioritariamente, os alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental embora reúna duas turmas de 5ª série.

Deste universo estudantil de mais de mil alunos e de acordo com o mapa estatístico consultado a escola reúne um total de 703 jovens sendo 343 do sexo masculino e 360 do sexo feminino. Na verdade, há uma predominância de jovens pois das 24 turmas oferecidas à comunidade 18 agrupam moças e rapazes do 2º segmento do Ensino Fundamental. O que faz desta escola um território marcado pela presença juvenil onde a cada um dos três turnos oferecidos os alunos ingressam trazendo a sua juventude e as questões implicadas nesta etapa da vida.

Posso afirmar que as implicações e as questões trazidas pela convivência com os muitos jovens que freqüentam a escola da praça ainda constituem um movimento muito novo considerando que a implantação desta modalidade de ensino ainda é muito recente para esta escola e seus funcionários.

Através da pesquisa fui verificando e compreendendo que a polêmica e os questionamentos levantados pelos profissionais da escola diante do número expressivo de jovens tem haver com a política de estruturação da escola, de suas práticas e de seus componentes curriculares diante do ingresso de tantos jovens.

O ingresso de uma parcela significativa de jovens inaugura na escola, junto aos seus profissionais do ensino, simultaneamente aproximação e preocupação com as questões da juventude.

A escola que até então ocupava-se da educação das crianças das séries iniciais passa a atender o 2º segmento do Ensino Fundamental e estende a oferta até a 8ª série atendendo, deste modo, os jovens da localidade como novos usuários daquele espaço que outrora era reduto das *criancinhas e das meninas*; expressão da diretora em seu depoimento.

Com a ampliação da escola e da oferta de mais uma modalidade de ensino é possível constatar a composição de novas relações neste espaço. A escola que atendia as crianças abre-se para a juventude.

Portanto, vejo que a existência de muitos conflitos envolvendo a conduta dos jovens ocorrem porque parece que a escola em seu interior ainda não deu conta de compreender a sua nova configuração diante da introdução de novos atores e de suas práticas. As práticas destes novos atores apontam para a existência de uma nova polifonia distinta daquela das crianças e de suas professoras.

Com o ingresso dos jovens a escola passa a conviver com uma polifonia de novos professores, novos pais e novos alunos e se vê convocada a ouvir e a reparar as questões trazidas por este segmento juvenil e por seus educadores. Este movimento traduz as tensões de novas relações articuladas no território escolar.

Identifico as tensões como sendo aquelas que apontam para as tensões da cultura do adulto, da relação professor e aluno, dos jovens do diurno e do noturno, da relação de gênero, do poder e dos valores regionais e universais.

Uma outra tensão muito comum aponta para a questão entre a democratização do ensino, os usuários e professores da escola.

O debate sobre a democratização do ensino apontava, inicialmente, para as questões relacionadas à universalização da escola pública, a ampliação de vagas, o acesso e a permanência no sistema escolar, a eleição de dirigentes escolares(Rodrigues,2000).

No entanto, a edição de uma legislação que define a escola com um direito social facultada a todos aqueles que nela desejam ingressar tem produzido um conflito junto aos educadores e que diz respeito também à tensão da democratização do ensino.

Digo isto porque a presença de alguns jovens na escola egressos das instituições da infância e da juventude, das classes de aceleração, dos encaminhamentos pelo Conselho Tutelar e de outros órgãos causa estranhamento e insegurança aos professores.

O estranhamento e a insegurança traduzem uma ameaça ao movimento de democratização da sociedade e da escola em particular à medida em que questiona a convivência com estes jovens na sala de aula.

É muito comum registrar no depoimento dos professores uma preocupação com o acesso e a permanência destes jovens na escola como se estivessem, na verdade, questionando o direito de escolarização destes novos usuários do sistema de ensino.

A concentração de uma parcela juvenil significativa faz da Escola Municipal Jayme Fichman um território destinado ao movimento de reflexão da conduta e dos valores do jovem. O que, portanto, resulta na necessidade de fomento de discussões dos professores nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe e nos grupos de estudos.

Os Componentes Curriculares e o Aproveitamento dos Jovens

A Secretaria Municipal de Educação implementou na rede a política de reorientação curricular que aponta para a necessidade de revisitar os componentes curriculares e traçar novos objetivos para as áreas do conhecimento.

O desenvolvimento desta ação vem convocando a participação dos profissionais das escolas para reuniões regulares onde debatem sobre a elaboração de objetivos e conteúdos mais sintonizados como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a realidade sócio-cultural dos usuários do sistema público municipal de educação de Duque de Caxias.

No interior da escola, embora as ações da secretaria municipal de educação venham mobilizando as discussões, a implantação em 1999 do ciclo acelerado de educação de jovens e adultos antecipou a necessidade dos professores da escola definirem ações para o atendimento da legião de jovens que atualmente procura esta modalidade de ensino uma vez que esta surge como mecanismo para corrigir a dívida social do país com aqueles que experimentaram a escola negada e apresentam distorção série/idade.

Na localidade de Saracuruna a Escola Municipal Jayme Fichman, *a escola da praça*, é a única até então a oferecer o ciclo de educação de jovens e adultos resultando, desde sua implantação, em uma procura tão significativa, por parte da população juvenil, que as vagas oferecidas para o próximo ano deverão ser sorteadas para perseguir princípios mais democráticos diante da elevada procura.

Atualmente, a escola atende oito turmas nesta modalidade de ensino com uma matrícula inicial de 55 alunos que, embora a modulação indique 40 vagas, assistem aulas no horário de 18h às 21h45min.

A escola apresenta em seu quadro todos os professores das diversas áreas do conhecimento, inclusive professor de Educação Física por ser uma disciplina que tem a oferta facultada para o ensino noturno. No entanto, como os jovens, em sua maioria, não têm vínculo empregatício ou exercem atividades na economia informal na cidade do Rio de Janeiro eles acabam freqüentando a prática desportiva oferecida no horário diurno com uma participação efetiva.

Com o propósito de despertar uma maior aproveitamento e participação do segmento juvenil da escola, os professores das áreas do conhecimento buscam ações para tal. Entre estas ações a promoção de oficinas diversificadas tem sido recorrente no calendário escolar.

As oficinas reúnem os professores que oferecem atividades de leitura e produção de texto, de música e de educação artística entre outras.

Na verdade, as oficinas traduzem um movimento do corpo docente preocupado em contribuir para um melhor aproveitamento escolar dos alunos.

O aproveitamento escolar dos alunos é uma preocupação constante indicada pelos professores diante do quadro de baixo desempenho dos jovens usuários da escola.

A *apatia* é um termo muito utilizado pelos professores para descrever a conduta estudantil dos jovens onde, com muita freqüência é possível reunir queixas quanto ao desempenho dos jovens diante das propostas escolares.

O descompromisso juvenil frente às obrigações civis e escolares incomoda muito o grupo de professores. Os jovens usuários da escola, de um modo geral, recebem muitas queixas dos professores e dos colegas adultos que registram ocorrências do descompromisso juvenil com a sua própria formação e com o aproveitamento escolar.

Diariamente é possível reunir críticas às práticas de desinteresse e descompromisso dos jovens com as tarefas solicitadas, com o baixo desempenho nas provas e nos trabalhos.

Por outro lado, é preciso registrar que o descompromisso juvenil para com as tarefas e para com o aproveitamento escolar não resulta de algazarra pois os jovens apresentam uma conduta tolerável no interior da escola.

Como justificar então o baixo aproveitamento escolar dos jovens?

Particularmente, pelo que observei, acredito no potencial que cada jovem apresenta e na existência de um interesse em conhecer/aprender. A dificuldade encontra-se localizada diante dos conteúdos eleitos e organizados pelos professores que deve indicar uma sintonia com o que deve interessar e mobilizar este grupo de jovens.

Cada professor imprime em sua prática atitudes que revelam domínio e valorização dos conteúdos. No entanto, dos conteúdos apresentados pelos professores muito pouco é realmente aproveitado.

Os professores apontam várias dificuldades dos jovens em compreender os assuntos e temas abordados em sala e admitem que a apropriação é muito reduzida ou quase nenhuma. O que gera um sentimento de frustração e de impotência.

O grupo de professores denuncia as dificuldades que os jovens apresentam de leitura, de escrita, da ausência da possibilidade de retenção, de ordenação e de organização dos fatos.

O baixo desempenho dos alunos das classes populares, por vezes, é justificado pela ausência de empenho e de domínio dos conteúdos por parte dos professores ou pela falta de recursos para dinamização da prática pedagógica. No entanto, esta crítica não aplicasse à realidade do cotidiano da escola investigada.

Embora percebendo a supervalorização dos conteúdos programáticos e a intenção de cumprimento do programa, vejo o grupo de professores muito empenhado e contribuir com a escolarização dos jovens. É muito comum reunir depoimentos dos alunos elogiando a dedicação dos professores diante das aulas expositivas. Observo que não há registro de queixas quanto o desempenho dos professores por parte dos jovens.

A crítica juvenil reside nas cobranças do professores e como estes encaminham os procedimentos com relação à frequência, ao atraso, ao não atendimento dos prazos para elaboração e devolução das tarefas e o uso do material escolar. Os alunos denunciam a inflexibilidade dos professores com relação a estas situações. Para eles, os jovens, há uma ausência de tolerância por parte dos professores com relação às solicitações.

Porém, na verdade, o que ocorre é a distinção do sentido do tempo empregado pelos professores e alunos. O tempo para o professor é o tempo pedagógico regulado pelo calendário escolar, seus bimestres e seus semestres. É o tempo para cumprir o programa para não trazer prejuízo para os alunos. É o tempo dos duzentos dias letivos. Já para os jovens o tempo tem um outro sentido. É o tempo anual. Os alunos trabalham com a idéia de um ano para dar conta do aproveitamento e melhorar o desempenho.

Como professor, particularmente, compreendo a posição dos professores. Porém, a pesquisa me ajuda a compreender também que muitos destes jovens não têm convivência com outras esferas e grupos sociais além da família até ingressar na escola, neste território institucional. A convivência juvenil no grupo familiar é sempre marcada por uma tolerância e disponibilidade para apelar e para orientar no cumprimento das obrigações.

No entanto, a escola apresenta-se, por vezes, como a primeira relação institucional dos jovens fora da convivência da família o que concorre para que os alunos tenham um estranhamento com a prática encaminhada pelos professores na condução do trabalho pedagógico e, também, junto às normas escolares.

Na localidade, a ausência dos serviços oferecidos nos centros urbanos contribui muito para que as relações dos jovens fiquem circunscritas ao grupo familiar e escolar e ao cotidiano da vida do bairro.

Diferente dos jovens dos centros urbanos, a juventude de Saracuruna tem pouca oportunidade de aproximação e de convívio com a rotina de outros espaços institucionais e código de conduta.

Um grupo de jovens da escola participando de uma feira de informação profissional de 3º grau relatou o estranhamento em constatar que as dependências da universidade não eram pichadas. O estranhamento deve a experiência que os jovens da localidade têm com os espaços e ambientes que não são pichados. As salas e os banheiros da escola são pichados, assim como o clube que freqüentam e os ambientes do comércio local.

A pichação, definida com zoação é uma prática muito comum junto aos jovens da localidade de Saracuruna e que já resultou no assassinato de dois estudantes da escola do outro lado da linha por picharem o comércio. Porém, mesmo diante da ameaça de morte eles não conseguem abandonar esta conduta.

Esta conduta juvenil introduz preocupação e incerteza junto aos profissionais de ensino por ser um componente novo trazido pelos jovens que ingressaram na escola.

Recursos e Apoio Pedagógico

Com relação ao apoio pedagógico para dinamização da prática educativa, a escola disponibiliza recursos variados.

O grupo de professores tem à sua disposição uma variedade de recursos como ambiente de tevê e vídeo, projetor de imagem e telão, retroprojetor, episcópio, aparelhos de som, máquina fotográfica, caixa amplificadora e microfone e sala de leitura com um considerável acervo.

Embora os recursos sejam utilizados pelos professores parece que estes contribuem pouco para elevação do aproveitamento dos alunos. Os alunos permanecem apresentando um quadro de desempenho inadequado.

Do Terminal Américo Fontenelle à Escola: um novo itinerário para a sala de aula

Mas se a viagem que se faz da Central do Brasil até Saracuruna vai retirando e reduzindo a construção da esperança da classe trabalhadora e dos jovens que servem a burguesia, entendo que a *escola da praça* precisa abrir janelas para que a juventude veja outras paisagens.

Esta perspectiva implica na convocação de uma competência docente que não reside apenas no domínio dos conteúdos e no empenho nas exposições. Porém, que contemple uma atitude reflexiva sobre o conhecimento, prática educativa e emancipação humana.

Taveira (1998) observa que:

“Se o problema é fazer que a escola atenda aos interesses de seus alunos e suas alunas, se temos a intenção de construir uma escola de qualidade, preocupada em instrumentalizar as classes populares para que tenham meios de lutar contra as estruturas sociais que as oprimem, devemos pensar a questão do currículo sobre novas bases, tendo como princípio orientador o resgate das experiências pessoais, das histórias de vida, das culturas, das visões de mundo dos alunos e alunas a partir das relações que se dão no cotidiano da própria escola, para chegar mais longe possível, onde a curiosidade e a capacidade de busca de alunos, alunas, professores e professoras puderem levar(...)”.

Deste modo, compreendo que a escola somente poderá contribuir para a abertura de janelas para que os jovens vejam novas paisagens, obtenham aproveitamento mais elevado e produzam novos sentidos para as suas vidas à medida em que a prática educativa aproxime o conhecimento às experiências trazidas pelos usuários da escola.

Taveira (opus cit.), citando Santos, esclarece que os contextos de conhecimento são muitos, onde é possível agrupá-los em o contexto doméstico, o do trabalho, o da cidadania e o a mundialidade e aponta que cada contexto é um espaço e uma

rede de relações dotados de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos vários elementos que o constituem. Onde esses elementos são: a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo do poder, a forma de direito e o modo de racionalidade.

“O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a sua prática educativa precisa compreendê-la em sua totalidade, não centrando-a no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas é preciso repará-la nas relações de seus variados componentes” (Freire, 1992).

Neste sentido, entendo que a prática cotidiana humana é articulada diante da família, da atividade do trabalho, das relações sociais com as questões da vida pública e nacional. No entanto, os jovens, embora inserido nestes contextos do saber, no seu dia-a-dia o vivenciam de modo muito fragmentado. As próprias práticas configuradas na localidade colabora para esta situação. Os espaços de trabalho, residência, educação, atendimento à saúde e expedição de documentos são territórios distintos. Logo, cabe à escola emprestar/produzir sentido para aproximação destes saberes em seu interior.

O processo de escolarização como se apresenta retira do jovem a possibilidade de compreender que o conhecimento não é estático e compartimentado. Deste modo, para os jovens o que a escola ensina são saberes da escola que não correspondem as

suas expectativas para responder as implicações do dia-a-dia. Para eles, os conhecimentos transmitidos pelos professores não estão relacionados às vivências cotidianas como a falta do dinheiro da passagem, as dificuldades de consumo de alimentação, vestuário, habitação e cuidados com a saúde.

Na verdade, compreendo que não há um descompromisso juvenil com relação ao processo de escolarização. Apenas os jovens não se reconhecem naquilo que a escola ensina não produzindo, deste modo, um sentido mais autêntico para a escolarização. Sendo assim, conseqüentemente, a ocupação dos jovens com os apelos do cotidiano configura para os professores como uma atitude de desprezo, ausência de importância e descompromisso com as práticas escolares.

Logo, a compreensão de que os contextos do conhecimento não são autônomos e que eles se articulam e se interpenetram de diversas maneiras é uma atitude que deve ser requerida por todos aqueles envolvidos no processo de escolarização dos educandos.

É preciso compreender que *todos nós somos configurações humanas em que se articulam e interpenetram os nossos quatro seres práticos: o ser família, o ser classe, o ser de indivíduo, o ser de nação. E como cada um desses seres, ancorados em cada uma das práticas básicas, é produto-produtor de sentido, o sentido de nossa esperança no mundo e, portanto, da nossa ação em sociedade é, de fato, uma “configuração de sentidos”* (Santos, 1989,pág.154).

Portanto, defendo que no processo de escolarização dos jovens é preciso refletir sobre a cultura juvenil e romper com as armadilhas que há entre a escola como promessa e a escola como fracasso.

Rodrigues (2000) aponta, diante desta dinâmica, a realização de uma *escola necessária*. Para o autor, a educação escolar tem sido atribuídas funções complementares na sociedade, que lhe retiram sua essencialidade e a transformam em instrumento de múltiplas funções impedindo-a de compor sua tarefa central e compreende que a escola tem por função preparar o indivíduo para o exercício da cidadania moderna, para a modernidade. O que significa formar o homem capaz de conviver numa sociedade em que se cruzam interveniências e influências mundiais da cultura, da política, da economia, da ciência e da técnica (pág.55-56).

Grinspun (1999) observa que:

“Vivemos numa sociedade com marcas evidentes de uma modernidade ou pós-modernidade, onde mudanças radicais estão fazendo sentir em todas as instituições. Há crise, portanto, rupturas advindas de mudanças de paradigmas, em especial, aqueles oriundos do modelo científico tecnológico. A educação sistemática que ocorre na escola, no cotidiano sofre a influência desse quadro político-social-histórico-cultural e por mais intencionada que seja a proposta pedagógica da escola, se ela não estiver consoante com o momento histórico em que vivemos, corre o risco de se tornar ultrapassada, obsoleta ou inviável antes mesmo de sua efetivação”.

Verifico que a realização da prática educativa ao sofrer interferências e influências do tempo histórico, do poder político do Estado, da concepção de cultura, de homem e de cidadania presentes na sociedade, do conhecimento científico e tecnológico cria nos professores expectativas, ansiedades e angústias.

O movimento de busca dos professores por uma sintonia entre a prática educativa e as novas configurações sociais defrontadas podem resultar na organização de práticas distintas no interior da escola que podem apontar para manutenção ou para emancipação.

“Uma escola pode se instituir de forma retrógrada ao imaginar que sua maneira de atuação deve ser sempre de recuperação do tempo perdido. Pode se organizar de modo reacionário quando se apresenta como resistência aos processos de mudança na sociedade. A escola também pode assumir uma concepção progressista quando assume a sua época, suas contradições e se organiza considerando a ação das diversas vontades que circulam na sociedade sem deixar de impulsionar os processos de mudança”(Rodrigues, ib).

A adoção de uma prática educativa passa, certamente, pela escolha do conjunto dos profissionais da escola. Portanto, é preciso a todo instante oportunizar, em seu

interior, uma contínua reflexão sobre a organização das ações, do projeto pedagógico, dos sonhos e dos desejos para promoção de uma educação mais autêntica.

Diante dos jovens usuários da escola e do contexto local vejo o quanto a realização de uma prática educativa transformadora reside na contribuição do pensar e do agir dos professores. Com isso não quero transferir toda a responsabilidade aos profissionais da escola. No entanto, entendo que em toda categoria profissional há um compromisso implícito e muito íntimo. No caso, destaco que a contribuição do professor mais íntima é a de reflexão sobre a necessidade de sua prática assumir atitude de emancipação, *“pois a primeira condição para o exercício de um ato comprometido e a capacidade de atuar, de refletir, de operar, de transformar a realidade de acordo com as finalidades propostas pelo homem, à qual está associada a sua possibilidade de refletir, que o faz um ser da práxis”* (Freire,1983).

Assim, vejo cada vez mais a necessidade dos profissionais da educação assumirem a autoria de suas práticas. Esta perspectiva aponta, para o coletivo dos professores da *escola da praça* em Saracuruna, emprestarem na condução de suas ações uma atitude mais reflexiva sobre quem é o jovem usuário da escola, de onde vem, o que faz e o que não faz, o que gostaria de fazer e como, os seus valores, os seus sonhos e frustrações, o seu pensar e a sua lógica.

Logo, esta ação implica na formulação de uma proposta pedagógica que resulte da revisitação dos conteúdos, das metodologias, do livro didático, das indicações das tarefas escolares, dos procedimentos da avaliação escolar e das relações interpessoais e da comunicação realizadas com os jovens da *Estação Saracuruna*.

Durante a minha observação constatei ações e eventos dinâmicos que convocavam a participação e a alegria dos jovens. Porém, na maior parte das vezes observei

a condução da aula centrada na utilização do livro didático e em procedimentos como pontos ditados. Nesta dinâmica pude enxergar o isolamento e a solidão do professor e a distância entre aqueles jovens, tão próximos, em turmas com a frequência de 45 e 55 alunos tanto no diurno quanto no noturno. Em outros momentos acompanhei exposições de conteúdos que mais contribuía para fazer da sala de aula um lugar estático e frio, como se fosse um ambiente artificial para aquela legião de jovens.

No entanto, sei também que no conjunto das práticas realizadas pelos professores encontra-se embutida a questão da formação do educador. Por vezes os professores reproduzem as memórias da escola, as marcas impressas em suas histórias de vidas, de alunos, de homens e de mulheres nesta sociedade.

A literatura pedagógica tem denunciado a formação/deformação dos profissionais da escola. No entanto, mesmo compreendendo que a formação dos professores realiza-se diante das circunstâncias pessoais, institucionais, de classe, de gênero, nas inter-relações e outras configuradas, vejo que o professor precisa assumir-se como sujeito de sua formação intelectual e política diante das solicitações que o cotidiano da escola aponta, sugere e requer.

Confesso que, como professor, me agrada muito a carta da professora alemã Ina von Binzer, datada de 09 de junho de 1881, quando relata que abandonou o livro com as 40 Cartas Pedagógicas, manual didático para docência adotado em sua formação, por ser estranho e não apresentar utilidade à sua prática junto às crianças e aos jovens brasileiros. Assim, como acredito que os professores precisam abandonar algumas coisas e, como fez a professora alemã, recriar novas ações mais sintonizadas com a necessidade e interesses dos jovens usuários da escola.

Concluo defendendo que tanto o movimento dos professores da escola como o da reorientação escolar promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias precisam, para elevação da qualidade do ensino, refletir sobre as expectativas dos jovens, sobre a cultura juvenil, a relação do jovem com a sua localidade e com a metrópole para que, deste modo, a escola possa oferecer um currículo mais autêntico e que imprima para cada um desses jovens possibilidades de emancipação.

Portanto, a prática educativa dos usuários da *escola da praça* em Saracuruna precisa ser refletida e discutida a partir do Terminal Américo Fontenelle, na Central do Brasil, onde os jovens desde cedo embarcam constantando as desigualdades sociais.

